



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

DORCAS FLORENTINO DE ARAÚJO SILVA

**EDUCAÇÃO AMBIENTAL E PARTICIPAÇÃO COMUNITÁRIA NAS
ENTRELINHAS DE UM PLANEJAMENTO ESPACIAL LOCAL**

**CUIABÁ-MT
2008**

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

DORCAS FLORENTINO DE ARAÚJO SILVA

**EDUCAÇÃO AMBIENTAL E PARTICIPAÇÃO COMUNITÁRIA NAS
ENTRELINHAS DE UM PLANEJAMENTO ESPACIAL LOCAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação no Instituto de Educação da Universidade Federal de Mato Grosso, como requisito para a obtenção de título de Mestre em Educação, na Área de Educação, Cultura e Sociedade, linha de pesquisa Educação e Meio Ambiente.

Orientadora: **Profª Drª Suíse Monteiro Leon Bordest**

**CUIABÁ – MT
2008**

FICHA CATALOGRÁFICA

S586e Silva, Dorcas Florentino de Araújo
Educação ambiental e participação comunitária nas entrelinhas de um planejamento espacial local/ Dorcas Florentino de Araújo Silva. - - Cuiabá:UFMT/ IE, 2008.
94p.: Il. color.

Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Educação do Instituto de Educação da Universidade Federal de Mato Grosso, 2008.
Orientação: Profª Drª Suíse Monteiro Leon Bordest.

Bibliografia: p.87- 93
Anexos: p.94
Inclui DVD

CDU- 37: 504

Índice para Catálogo Sistemático

1. Educação Ambiental
2. Participação
3. Paisagem
4. Planejamento
5. Comunidades ribeirinhas
6. Percepção

*Dedico este trabalho ao meu querido esposo Claudison
pelo amor, companheirismo, atenção e compreensão em
todo tempo.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço:

Primeiramente, a Deus, único e fiel, que me permitiu finalizar mais um desafio, dando-me forças nos momentos de fraqueza e desânimo. Quando a saúde me faltou, Ele me restabeleceu e me sustentou com muito amor. A Ele não só agradecimentos, mas toda minha adoração e devoção.

Ao meu querido esposo, Claudison, pela constante companhia, amor e paciência.

Aos meus pais, sempre presentes e amorosos, que me ensinaram a não desistir diante das dificuldades, mas lutar e vencer.

À querida professora Dr^a. Suíse, pelas sábias orientações e incentivo no decorrer desses dois anos.

Aos professores componentes da banca, Prof^a Dr^a Solange T. de Lima Guimarães (UNESP) e Prof. Dr. Luiz Augusto Passos (UFMT), pelas valiosas contribuições para este trabalho e para o meu crescimento enquanto pesquisadora.

Aos professores do PPGE-UFMT, que me ajudaram a abrir novos horizontes.

Aos colegas do Programa, nas horas de desafios, acordos e desacordos, que, no final, serviram para nos deixar mais sábios e fortes.

Aos colegas de trabalho da Prefeitura Municipal de Várzea Grande, principalmente ao secretário de Obras e Urbanismo, Sr. Fernando da Silva Sé, pelo apoio e compreensão nas minhas ausências.

Aos moradores de Bonsucesso, que inicialmente se sentiram acuados por não me conhecerem, mas que, no decorrer das investigações, foram meus companheiros e ótimos colaboradores, enfim, participantes do processo.

À Associação de moradores de Bonsucesso, na pessoa do sr. Adilson, pela atenção, participação e informações preciosas.

À dona Cida, moradora de Bonsucesso, com quem tive os primeiros contatos e que era, na época inicial da dissertação, presidente da Associação de Cultura e Lazer de Bonsucesso.

Ao Sr. Gonçalo, atual presidente da Associação de Cultura e Turismo de Bonsucesso, pelo acompanhamento dos trabalhos e incentivos junto à comunidade.

Ao Sr. Painha que foi grande mediador e colaborador desta pesquisa facilitando contatos com moradores ainda desconhecidos.

A todos que estiveram comigo e se alegraram com mais uma etapa final de estudo, tão almejado.



Pintura das lavadeiras de Bonsucesso- atividade realizada até meados dos anos 90.
Artista: Geracy Escalante Bianchini, 2004

Em tempos como os de hoje em dia, em que muitas coisas parecem apontar para os desejos e as promessas do individualismo (que é a doença da individualidade), do particular, do 'privê', devemos reaprender que a felicidade humana é a coragem cotidiana da saída de si mesmo em direção ao outro. Em direção às outras pessoas. É a busca e a ventura do sabermos criar juntos. Criar, construir e aprender a cada dia a compartilharmos e partilharmos não apenas as alegrias da vida, mas também o trabalho solidário que torna e há de tornar mais fecunda, mais harmoniosa e mais feliz esta mesma vida humana que nos é dada viver em algum lugar da Terra, durante algum tempo de sua História.

Carlos Rodrigues Brandão (2005).

RESUMO

Esta pesquisa de Mestrado em Educação, linha Educação e Meio Ambiente vem se juntar a outros trabalhos científicos em Educação Ambiental. Traz uma abordagem pautada na educação ambiental emancipatória, buscando explorar temas como a participação, percepção ambiental no processo de planejamento espacial, no exercício da cidadania. O local escolhido para o desenvolvimento da pesquisa foi a comunidade ribeirinha de Bonsucesso, localizada na zona rural do município de Várzea Grande, no Centro-Oeste brasileiro. É uma comunidade que tem uma ocupação espacial distribuída longitudinalmente às margens do Rio Cuiabá por aproximadamente 1km. O Rio Cuiabá divide a cidade de Várzea Grande e a Capital do Estado de Mato Grosso e foi um dos grandes responsáveis pela povoação da região. É uma pesquisa qualitativa, com bases na fenomenologia, e utiliza a percepção ambiental no reconhecimento da área e compreensão das modificações da paisagem, que é a porta de entrada para a compreensão do espaço vivido. Foram utilizadas entrevistas semi-estruturadas abertas, visitas no local, anotações de campo e fotografias. Objetivou-se trazer os moradores da comunidade para as discussões de um planejamento participativo de reordenamento espacial, com bases na Educação Ambiental. Para isto, primeiramente, foi preciso conhecer a história, as memórias e as principais modificações que ocorreram em Bonsucesso com o passar dos anos. Essa fase foi realizada através do contato com 5 moradores antigos da comunidade. A seguir, em contato com a Associação de Moradores, procurou-se conhecer os problemas enfrentados hoje pela população local, através de entrevistas e contatos informais em ocasiões diversas com os moradores, procurando deixá-los à vontade e livres de qualquer formalidade que pudesse inibir ou direcionar suas respostas e colocações. A partir das discussões dos problemas locais, algumas sugestões foram surgindo, quando a comunidade participava com interesse e ao mesmo tempo demonstrava suas ansiedades e desejos. Através da pesquisa, pôde-se compreender melhor a dinâmica educacional da EA, que permite abertura para a pesquisa em diferentes áreas do conhecimento. No caso desta pesquisa, o objetivo foi trabalhar o crescimento das pessoas enquanto cidadãos e seres humanos, no convívio com outros seres humanos e com a natureza, enfim, estudar a paisagem local e o desenvolvimento do sentimento de pertencimento do lugar.

Palavras-chaves: Participação. Paisagem. Educação Ambiental. Planejamento. Comunidades ribeirinhas. Percepção.

ABSTRACT

This masters research project in Education, themed on Education and the Environment is connected with other scientific works in Environmental Education. It introduces a discussion based on emancipatory Environmental Education, attempting to explore themes such as environmental participation and perception in the spacial planning process in the exercise of citizenship. The place chosen for the development of the research was the riverside community of Bonsucesso, located in the rural part of the municipality of Varzea Grande, in the brasilian centre west. It is a community which occupies a spacial distribution on the longitude of the Cuiaba riverbank, of about 1km. The Cuiaba River divides the city of Varzea Grande and the capital of the State of Mato Grosso, and was one of the main reasons for population growth in the region. It is a qualitative research with a basis on phenomenology, utilizing environmental perception in the recognition of the area and understanding of the modifications in the landscape, which is the entrance point for, and understanding of, the living spaces. Semi-structured, open, interviews were used, local visits, field notes and photographs. The object was to bring the in habitants of the community into the discussions of a participatory planning of spacial reordering, with bases in Environmental Education. To this end, the first step was to get to know the history, memories and principal modifications that have taken place in Bonsucesso over the years. This phase was realized via contact with long standing inhabitants of the community. After wards by contact with the Community Association, the attempt was made to get to know the problems confronted today by the local population, by way of interviews and informal contact on different occasions with the in habitants, in an attempt to allow them freedom from any formality that could inhibit or bias their responses and observations. Beginning with the discussions on local problems, some suggestions came up in which the community participated with interest and at the same time demonstrating their anxieties and desires. Through the research the educational dynamic of Environmental Education, can be better understood, which opens up research in different areas of knowledge, and in the case of this study, with the objective of working with people's growth as citizens and human beings in common with other human beings and nature, i.e. in the study of local landscape and the development of a feeling of belonging.

Key words: Participation. Landscape. Environmental Education. Spacial planning. Riverside Communities. Perception.

LISTA DE ABREVIações E SIGLAS

- AGB – Associação dos Geógrafos do Brasil
- AU - Arquitetura e Urbanismo
- EA - Educação Ambiental
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
- IICA – Instituto Interamericano de Cooperação para a Agricultura
- INCRA – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
- PNEA – Política Nacional de Educação Ambiental
- PP - Pesquisa Participante
- PPGE - UFMT – Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso
- ProNEA – Programa Nacional de Educação Ambiental

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
Objetivos	16
Justificativa	17
1 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA	22
1.1 O Município de Várzea Grande	22
1.2 Em Várzea Grande, o Distrito de Bonsucesso.....	24
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	38
2.1 A Educação Ambiental	38
2.2 A Pesquisa Participante	43
2.3 Emancipação e participação	45
2.4 A fenomenologia e compreensões do mundo vivido	48
2.5 Percepção e paisagem.....	51
2.6 As comunidades tradicionais e os ribeirinhos	55
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	59
3.1 O caminho percorrido.....	61
4 INTERPRETAÇÕES DO QUE SE VIU E OUVIU EM BONSUCESO	67
4.1 Problemas e ansiedades.....	75
4.2 Um desejo em comum: A Casa do Artesão e Memórias de Bonsucesso	81
4.3 Sugestões para o entorno	83
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	86
REFERÊNCIAS.....	88
ANEXO A - Mapa de Interesse Histórico e Turístico do Município de Várzea Grande.	96

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Localização da área de estudo.....	25
Figura 2- Forno de preparo da rapadura e melado de cana-de-açúcar.	27
Figura 3- Paisagem típica ribeirinha, vista da rua principal.....	27
Figura 4- Carro de boi utilizado para transporte	28
Figura 5 - Saindo de Bonsucesso ao entardecer.....	28
Figura 6- Árvore no início do mês de agosto.	29
Figura 7- A mesma árvore no final do mês de outubro	30
Figura 8- Distribuição espacial da comunidade de Bonsucesso.	31
Figura 9- Rua principal Gil João da Silva aos domingos.....	33
Figura 10- Pátio das peixarias nos feriados e domingos.....	33
Figura 11- Artesanatos de tecelagens realizadas pelas moradoras mais antigas	34
Figura 12- Confeção de canoas à beira do caminho e do	35
Figura 13- Confeção da rapadura de cana-de-açúcar.	35
Figura 14- Procissão em canoas na Festa de São Pedro em Bonsucesso.	37
Figura 15- Pescador ribeirinho de Bonsucesso.....	69
Figura 16- Jacá, cesto artesanal de palha trançada.	70
Figura 17- Casa da Memória construída em 2000.	71
Figura 18- Casas construídas no alinhamento frontal.....	72
Figura 19- Placa direcional urbana próximo ao aeroporto Marechal Rondon.	73
Figura 20- Área alagadiça (Pirizal) com lixo.....	77
Figura 21- Vista da área alagadiça com lixo e, logo à direita, a rua.....	78
Figura 22- Pescadores de Bonsucesso que participaram da reunião.	80
Figura 23- Parte da Rua principal com problemas de erosão à esquerda.	81
Figura 24- Parte da Rua principal com problemas de erosão à esquerda.	85

Figura 25- Projeto proposto pela comunidade.....86

INTRODUÇÃO

A educação não muda o mundo. A educação muda as pessoas, as pessoas mudam o mundo.
Paulo Freire, 1989.

A partir dos anos 70, com o início oficial das reuniões internacionais sobre o Meio Ambiente e fortalecimento da Educação Ambiental (EA), o número de pesquisas e abordagens no assunto tem crescido e alcançado praticamente todas as áreas do conhecimento. Dos eventos internacionais pode-se destacar como um marco importante pelo envolvimento e discussões entre os países a Conferência de Estocolmo (1972) e a de Tbilisi (1977). No Brasil destaca-se a Conferência das Nações Unidas para o Meio Ambiente e Desenvolvimento, realizada no Rio de Janeiro no ano de 1992. Esta reunião ficou conhecida como Eco-92 e foi um grande incentivo para que o assunto se tornasse mais presente nas discussões políticas brasileiras.

Muitos autores, em diversos discursos na área ambiental, dizem ter na EA a esperança e a possibilidade de mudanças de hábitos, pensamentos e valores que poderiam modificar o rumo desastroso que o atual sistema tem traçado de forma totalmente insustentável.

Realizar esta pesquisa foi inicialmente um grande desafio. De formação acadêmica em Arquitetura e Urbanismo (AU), os assuntos referentes à área da educação, principalmente aqueles direcionados à Educação Ambiental, motivos de inquietação, quando a experiência em ministrar aulas na mesma faculdade direcionou para fazer uma pesquisa

que possibilitasse o estreitamento dos conhecimentos entre a AU e as práticas em Educação Ambiental, visto que as questões ambientais permeiam todas as discussões das aulas que se propõem a estudar o espaço, desde a sua composição e utilização pelo ser humano.

Desenvolver leituras em Educação Ambiental, tendo em vista a importância da participação nos processos de planejamento, suscitou em mim o desejo de fazer algo no sentido de unir as duas áreas do conhecimento. Esta perspectiva me impulsionou em ir à busca de pessoas que pudessem me orientar e colocar em prática esta idéia.

Quando os primeiros contatos foram realizados com a professora Dr^a. Suíse Monteiro Leon Bordest, professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso (PPGE-UFMT), fui incentivada por ela para a realização do Mestrado em Educação. Esta professora, mais tarde, veio a ser minha orientadora neste trabalho de dissertação.

Assim sendo, esta pesquisa foi realizada com o intuito de trazer para discussão um diálogo entre a Educação Ambiental e o processo que envolve um projeto de urbanismo. O projeto de urbanismo será referenciado, neste trabalho, como planejamento espacial, entendido como um instrumento para a reordenação espacial e desenvolvimento das cidades e/ou comunidades, visando ao bem-estar de todos, com sustentabilidade. Este processo tem em vista as necessidades, os problemas, as ansiedades e as percepções de um grupo em relação ao meio e à sua paisagem, sejam eles urbanos, sejam rurais.

Esta pesquisa vem ao encontro do pensamento da Educação Ambiental emancipatória, e pretende, junto com a comunidade, direcionar o seu planejamento, a partir das discussões dos problemas

vivenciados e projeções de como minimizá-los, na prática da cidadania e da responsabilidade social individual e comunitária. Como já se pôde perceber, a EA não visa tratar apenas de preservar, conservar e recuperar sistemas naturais, mas principalmente trabalhar com as pessoas, com as comunidades, na luta para despertar o ser, o humano, na construção do conhecimento ambiental, almejando torná-lo um ser crítico e participativo.

Diferentemente das outras espécies de seres vivos que mantêm ao longo da vida o mesmo modo de viver e de se relacionar com outras espécies, os seres humanos têm modificado muito o seu modo de viver. Primeiramente em cavernas, depois em ocas e em pequenos grupos nômades, e ainda mais tarde se organizando para o trabalho de plantar e colher seu próprio alimento, onde os povos foram se ajuntando e se desenvolvendo, formando as comunidades.

As cidades foram se formando sendo os lugares onde se realizavam as trocas de mercadorias e outras atividades relacionadas, ainda com pouca confluência de pessoas, pois as atividades de trabalho que demandavam muita mão-de-obra era nas áreas rurais. Após a revolução industrial nos anos 70, com o desenvolvimento e utilização de máquinas, as cidades começaram a se desenvolver com maior intensidade, o que propiciou a movimentação de pessoas do campo para o trabalho nos centros urbanos, mesmo estando estes sem preparo para receber todos que chegavam atraídos por trabalho ou mesmo em busca de novas perspectivas.

Acompanhando o desenvolvimento industrial, a supervalorização do capital emoldurou o sistema capitalista que hoje vivemos. A corrida por maiores lucros e o chamado desenvolvimento

econômico passaram a ser o objetivo principal. A despreocupação com os impactos negativos que esse desenvolvimento traria para a natureza e também ao próprio ser humano culminou, com o passar dos anos e com o aumento da atividade industrial e tecnicista, na atual crise dos sistemas naturais.

Atualmente as cidades se tornaram grandes ajuntamentos de pessoas, onde todos querem e precisam trabalhar e desenvolver-se no contexto social, na ânsia pela sobrevivência e pela qualidade de vida. Mas a tão ansiada qualidade de vida tem sido motivo de discussões, pois fica difícil falar nela com a ameaça que pesa sobre o planeta, onde estudos já constatarem impactos como o buraco na camada de ozônio, efeito estufa, catástrofes naturais, diminuição de água potável e destruição das florestas.

As áreas rurais foram se esvaziando e absorvendo também os impactos destas transformações, surgindo então os problemas e inquietações com a sua sustentabilidade ambiental. Algumas estão próximas dos centros urbanos e recebem grande influência dessa proximidade, o que causa modificações no modo de viver e na qualidade de vida.

O local de estudo desta pesquisa é uma área rural, distante do centro urbano apenas 10km. Trata-se da comunidade ribeirinha de Bonsucesso, no município de Várzea Grande, a qual tem apresentado inúmeras interferências nos seus costumes, valores e, conseqüentemente, na paisagem.

As comunidades rurais de Várzea Grande se desenvolveram nas proximidades do Rio Cuiabá em sua grande maioria. Com isso, tornaram-se alvo do desenvolvimento turístico, agregando também à sua

paisagem o artesanato e comidas típicas que também alimentam o mercado turístico.

A partir do aumento de visitas nessas comunidades, elas passaram a ser consideradas pelo poder público municipal como um atrativo à atividade turística para o município. Este fato é muito utilizado por políticos como discurso sobre o desenvolvimento da referida atividade na cidade. No entanto os moradores não foram ouvidos sobre o aproveitamento do local para essa atividade e nem tampouco participaram do processo de planejamento local.

Uma das preocupações presentes quando se fala em planejamento participativo é como realmente envolver a comunidade nas discussões, de forma abrangente e comprometedora. Estudos já realizados indicam a participação nos processos de planejamento como sendo uma forma de cultivar, individual e coletivamente, o sentimento de pertencimento do local, repensar responsabilidades e cidadania, desde que as pessoas que moram nas comunidades em questão, sintam-se parte desse processo e não espectadores e/ou receptores dos seus resultados.

Logo, o questionamento que impulsionou a investigação desta pesquisa foi: Como fazer a interação do conhecimento técnico-científico de um profissional urbanista com os conhecimentos práticos, baseada na experiência e vivência no dia-a-dia de uma comunidade, no processo de urbanização do espaço?

O estudo foi pautado na Pesquisa Qualitativa, buscando apoio na Pesquisa Participante (PP). Utilizando-se de entrevistas semi-estruturadas abertas junto aos moradores em seus locais de vivências diárias. Também foi realizado o reconhecimento da área de estudo,

apreendendo a paisagem local e suas transformações, na interação do ser humano e natureza. Algumas reuniões com grupos de pessoas da localidade foram realizada. Durante toda a pesquisa fez-se a utilização de recursos fotográficos.

Para interpretação dos dados, seguiu-se nas trilhas da fenomenologia, trazendo o diálogo entre Merleau-Ponty e Yi-Fu-Tuan, fazendo elos com uma Educação Ambiental que abre caminhos para a construção de uma representação coletiva dos espaços de vivência comunitária.

A disposição do conteúdo iniciou-se com a apresentação da pesquisa, contendo também o questionamento, objetivos e delimitação do tema, compondo, assim, esta parte introdutória. No Capítulo 1, fez-se a contextualização histórica do município de Várzea Grande e da comunidade de Bonsucesso. A seguir, no Capítulo 2, foram abordados os assuntos pertinentes Fundamentação Teórica, abordando os temas de base da dissertação. O Capítulo 3 consta dos Procedimentos Metodológicos e descrições do caminho percorrido na pesquisa. Para o Capítulo 4, ficaram as discussões e interpretações do que se viu e ouviu em Bonsucesso, os problemas, os anseios e planos. No Capítulo 5, foram realizadas as considerações finais da pesquisa. Finalizando o trabalho, ficaram as referências dos autores e outras pesquisas que foram utilizadas no desenvolvimento do trabalho.

Objetivos

O objetivo geral desta pesquisa será o planejamento espacial participativo junto à comunidade de Bonsucesso, no município de Várzea Grande-MT.

Para se chegar ao objetivo deste trabalho, várias outras metas foram surgindo no decorrer da pesquisa, metas estas necessárias à compreensão da área de estudo e também da dinâmica das transformações ocorridas na comunidade. Estas são características da pesquisa participante, onde os objetivos são construídos juntamente com a comunidade.

Logo, os objetivos específicos foram traçados a partir dos primeiros contatos com a área. Viu-se então a necessidade de reconhecer a área de estudo, num contexto espaço-tempo, com o auxílio de documentos cartográficos, seguidos de visitas no local e observações da paisagem.

Também objetivou-se conhecer as questões ambientais e sociais, bem como as transformações vivenciadas e percebidas pelos moradores.

Outro objetivo construído foi dialogar com os moradores da comunidade sobre os problemas vivenciados por eles, bem como seus anseios e sonhos. Posteriormente traçar em conjunto algumas metas e propostas para melhorias do ambiente comunitário.

Justificativa

O município de Várzea Grande possuía, em 2007, cerca de 230.000 habitantes, segundo o censo demográfico realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2007), distribuídos numa área de 938km², com aproximadamente 214 bairros (loteamentos, parques,

jardins). Localizada na mesorregião centro-sul do Estado de Mato Grosso, numa região de cruzamento de outras cidades e de pontos turísticos do Estado de Mato Grosso, Várzea Grande é a porta de entrada e saída de turistas do Estado e mesmo do País, através do Aeroporto Internacional Marechal Rondon. É uma cidade predominantemente horizontal e está em constante crescimento, o que pode ser observado pela expansão de loteamentos que surgem um após o outro.

Desde meados do ano 2000, muito se tem falado em fomentar o turismo no Município de Várzea Grande. Dentro deste contexto, as comunidades ribeirinhas, que estão localizadas na área rural, têm sido o principal foco das políticas de desenvolvimento turístico traçadas pela administração municipal. São detentoras de rico artesanato e saberes, podendo ser citadas as tecedoras de redes artesanais bordadas com motivos regionais; a confecção manual de rapaduras e doces artesanais, sendo alguns confeccionados com frutas regionais cristalizadas, como o caju, a manga e a banana; o manuseio do peixe no preparo culinário; a utilização de plantas com fins medicinais; e a confecção artesanal de canoas, cestos e pilões. São conhecimentos que vêm sendo passados de pais para filhos e ainda fazem parte da vida das comunidades. Bonsucesso é uma comunidade que tem como principal atividade a pesca, o artesanato local e também as comidas típicas, sendo o preparo do peixe e sua oferta aos forasteiros os maiores chamativos da atividade turística. Além disso, a paisagem local ribeirinha e rural é um dos locais que a população de Várzea Grande e dos municípios vizinhos aprecia para passeios e descansos num final de semana ou feriados.

O turismo gastronômico e paisagístico cresceu de forma desordenada, sem uma política de planejamento. Agregando-se às

modificações e interferências ocorridas pela proximidade do centro urbano, a paisagem de Bonsucesso tem passado por constantes mudanças, tanto em seu aspecto natural, quanto aqueles construídos nos seus valores e costumes, considerando, nestes termos, a paisagem cultural, num contexto de complexidade ambiental.

Como mencionado anteriormente, o planejamento urbano espacial é um instrumento para reordenação e desenvolvimento das cidades e/ou comunidades. É um processo em que se pensa nas necessidades, nos problemas e ansiedades de um grupo, seja ele urbano, seja rural.

Os procedimentos que se têm adotado para esse tipo de planejamento sempre se iniciam a partir da necessidade explícita ou não, onde o poder público, principalmente o municipal, responsabiliza-se em propor as diretrizes do projeto e contrata uma equipe técnica para a sua realização. Para isso são realizadas visitas e alguns levantamentos, como o topográfico e altimétrico, fotos da localidade, verificação de áreas de preservação ambiental e outros levantamentos necessários. A escolha da proposta final a ser executada nem sempre é trazida para o conhecimento das pessoas do local antes da execução, muito menos discutida no processo de planejamento. Com isso as decisões ficam à mercê de interesses políticos que podem ser influenciados por questões pessoais ou de minorias que detêm a maior parte do poder de decisão, nem sempre relacionado aos interesses e necessidades da comunidade.

Esses projetos são apresentados à comunidade em forma de comunicação oficial, quando se faz um evento festivo de inauguração em comemoração à sua execução, como se fosse um presente a ser simplesmente recebido e agradecido pela comunidade.

Acredita-se que os moradores de um local, por não se sentirem parte do processo de planejamento, acabam também não se sentindo responsáveis pela conservação e manutenção desses espaços. Os planejamentos realizados por um profissional alheio às reais necessidades de uma população local podem não condizer com as necessidades sociais e ambientais das comunidades que irão usufruir da implantação do projeto. Muitos desses projetos, quando executados, causam impactos na paisagem, no convívio social, muitas vezes segregando atividades culturais importantes. É por este motivo que somente as pessoas que ali convivem diariamente poderiam auxiliar na proposta referente aos seus lugares de moradias, entendendo a moradia não somente a residência, mas todos os lugares que complementam o ato de morar e viver em comunidade.

Nos planejamentos locais, mais do que o envolvimento do poder público, é necessário o envolvimento comunitário, pois os moradores, estando cientes das propostas, poderão promover a continuidade e fiscalização do plano de ação. A iniciativa de trazer a comunidade para discutir e pensar o espaço, as questões ambientais e sociais é um dos principais objetivos da educação ambiental emancipatória. E essa relação acaba sendo uma constante troca de conhecimentos entre a técnica e o conhecimento das comunidades, principalmente quando se trata de uma comunidade ribeirinha tradicional, como Bonsucesso.

A partir do Estatuto da cidade, lei nº 10.257 de 2001, que regulamenta os artigos 182 e 183 que se referem à política urbana na Constituição Federal de 1988 (BRASIL, 1988), a participação popular nos processos de planejamento e gestão dos municípios constitui-se num dos elementos mais importantes e obrigatórios para a construção da gestão

democrática. O Município de Várzea Grande implantou em 2007 o Plano Diretor Participativo, instrumento indispensável e obrigatório à gestão municipal, no qual também prevê a participação comunitária em todos os projetos locais, tanto na elaboração quanto na fiscalização deles.

O presente trabalho teve como meta envolver os moradores nas discussões dessas modificações, conhecer as suas percepções em relação ao meio em que vivem, objetivando produzir, de forma coletiva e ao mesmo tempo, conhecimentos e espaço.

É um trabalho que desafia as técnicas de planejamento urbano praticadas pelos profissionais da arquitetura e urbanismo, que estão mais ligados ao positivismo racionalista, onde o levantamento de dados e das necessidades do projeto é uma visão de quem olha por cima, como que tomando conta de um objeto, possibilitando trabalhar com o que pensa dele e não com a realidade existente (PRONSATO, 2005).

1 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA

1.1 O Município de Várzea Grande

O texto histórico a seguir se baseia na Enciclopédia dos Municípios do IBGE (1958) e do site oficial da referida instituição.

O povoamento do município de Várzea Grande, segundo Monteiro (1987) iniciou-se a partir da Guerra do Paraguai, quando, no ano de 1867, fora construído um campo de concentração para os seus prisioneiros. O local também era passagem e pouso obrigatório das boiadas que se dirigiam para o abastecimento de Cuiabá, cujos tropeiros vinham dos municípios vizinhos em direção à Capital.

Antes dos acontecimentos descritos acima, já habitava a região o povo indígena Guaná. Consta que os índios foram receptivos aos que chegavam, facilitando assim o povoamento do local, sem muitos conflitos na luta pela terra. Os índios guaná detinham a técnica das embarcações, confeccionavam redes, balaios, artefatos cerâmicos e artesanatos diversos. Em contato com os novos moradores, esses conhecimentos começaram a ser compartilhados, configurando assim as principais atividades conhecidas e praticadas até hoje, o artesanato várzea-grandense.

Com o fim da Guerra do Paraguai, muitas pessoas já tinham se afeiçoado ao lugar e ali ficaram, propiciando assim a formação do povo várzea-grandense, com pelo menos três segmentos de população: os

soldados brasileiros, os presos paraguaios e os vaqueiros. Formou-se então um povoado de lavradores e carneiros, assim denominados por terem desenvolvido em conjunto a técnica de trabalhar a secagem da carne para diversos fins.

Percebendo o desenvolvimento de mais um povoado nas proximidades, mais pessoas dos municípios vizinhos vieram se juntar a ele, principalmente os da cidade de Nossa Senhora do Livramento.

Essa junção de pessoas com diversos costumes acabou enriquecendo e diversificando a cultura, os mitos, os cantos e desenvolvendo o gosto pelas danças em grupo, embalados pelo toque das violas. Desta forma, as festas comemorativas e religiosas ganharam força.

Em 1911, Várzea Grande ainda se configurava como distrito de Cuiabá. Em 1948 foi emancipado e desmembrado de Cuiabá pela Lei Estadual nº. 126 de 23 de setembro do referido ano (MATO GROSSO, 1948), no governo de Arnaldo Estêvão de Figueiredo, através da iniciativa do deputado Licínio Monteiro. O primeiro prefeito municipal nomeado foi o major Gonçalo Romão de Figueiredo.

O novo município se caracterizava por uma população tipicamente rural. Em 1950, segundo o censo demográfico realizado pelo IBGE (1958), o município possuía 5.503 habitantes, sendo 42% residentes na zona rural.

Na zona rural era cultivada a cana-de-açúcar e horta (roça) na beira do Rio Cuiabá. Esse cultivo era responsável pelo abastecimento da feira no mercado do Porto em Cuiabá. Comercializava-se então, a rapadura, abóbora, tomate, melancia, cebola e outras verduras cultivadas, segundo Azevedo (1957).

Comparando com o senso de 2007, também realizado pelo IBGE, a população total do município estava em torno de 230.000 habitantes, sendo que 85% residente na área urbana e somente 15% na zona rural. Atualmente Várzea Grande se constitui a segunda maior cidade do Estado de Mato Grosso depois da capital Cuiabá, seguida por Rondonópolis em extensão urbana.

1.2 Em Várzea Grande, o Distrito de Bonsucesso

Várzea Grande é banhada ao leste pelo Rio Cuiabá, onde, ao longo de suas margens, desenvolveram-se algumas comunidades. Bonsucesso, área de estudo desta pesquisa, é uma dessas comunidades, que se alonga paralelamente ao rio cerca de 1km. O Rio Cuiabá divide as cidades de Cuiabá, Capital do Estado de Mato Grosso, e Várzea Grande e foi muito importante para o povoamento na região (Figura1).

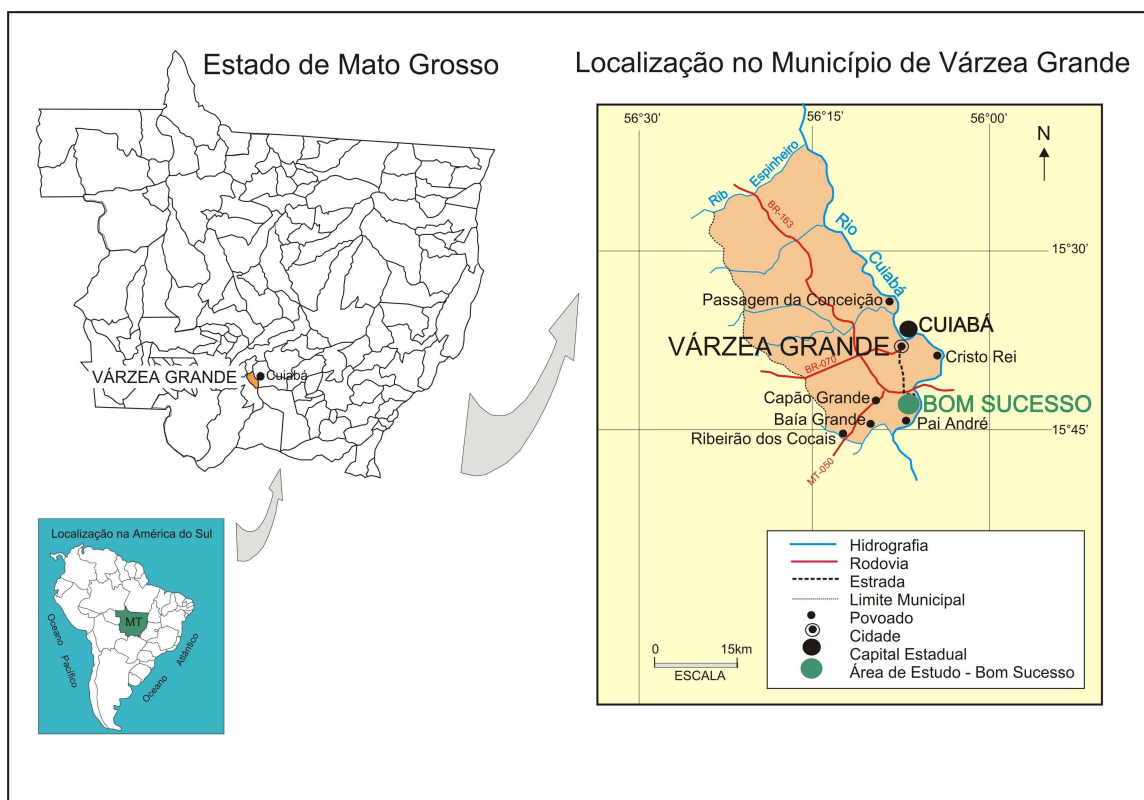


Figura 1- Localização da área de estudo.

Fonte: MIRANDA, L.; AMORIM, L., 2000.

Segundo Monteiro (1987), as terras onde hoje fica situada a comunidade de Bonsucesso pertenceram ao Senhor Justino da Silva Claro que, no século XIX, instalara um sítio com seus empregados e escravos, onde cultivou cana de açúcar, trabalhada com o objetivo de fazer rapaduras e fornecer matéria-prima para os engenhos e alambiques de aguardente e açúcar. Passou depois a vender a cana-de-açúcar para as usinas de São Gonçalo e da Conceição.

Bonsucesso faz parte da zona rural do município de Várzea Grande e possui aproximadamente 1.500 habitantes, segundo dados da Associação de Moradores da Comunidade. Pertence à Zona de Interesse Histórico e Paisagístico do município de Várzea Grande, segundo o último estudo realizado em 2007 pela Prefeitura Municipal de Várzea Grande, durante a execução do Plano Diretor Participativo Municipal. Hoje suas principais atividades são a pesca e o turismo gastronômico, contando

com 11 peixarias. A pesca continua sendo a atividade característica dos moradores. Também coopera na movimentação comercial a venda de doces caseiros, rapadura, melado de cana-de-açúcar, doces artesanais e a confecção manual de canoas, que atrai os visitantes.

A rua principal, com largura reduzida, tipicamente rural, denominada Rua Gil João da Silva, hoje pavimentada, faz divisão entre o que os moradores dizem parte de cima e parte de baixo, onde os terrenos fazem divisa com o Rio Cuiabá. A paisagem é um misto de cultura, natureza e artefatos que compõem um visual marcante e acolhedor. O caminhar permite a visualização do carro de boi estacionado em baixo de uma frondosa árvore ou a confecção da rapadura, desde a fase inicial, ainda no tacho em cima do fogão artesanal, que fica à vista de qualquer visitante, até a retirada da fôrma e montagem para venda. Todo esse processo pode ser apreciado e ao mesmo tempo comercializado para consumo. A vista do Rio Cuiabá em quase todo o perímetro traz um ar de tranqüilidade e compõe uma visão apreciada pelos visitantes (Figuras 2, 3 e 4).



Figura 2- Forno de preparo da rapadura e melado de cana-de-açúcar.
Fonte: Arquivo da pesquisadora, ago. 2006.



Figura 3- Paisagem típica ribeirinha, vista da rua principal.
Fonte: Arquivo da pesquisadora, maio 2007.



Figura 4- Carro de boi utilizado para transporte de cana-de-açúcar e outros produtos na comunidade.
Fonte: Arquivo da pesquisadora, ago. 2006.

O acesso à comunidade se dá por uma rua totalmente asfaltada, ainda com uma configuração vegetal característica de áreas rurais, tendo em sua paisagem a presença de vegetação típica da região de cerrado. Os ipês no percurso marcam a chegada, proporcionando na primavera uma recepção alegre e encantadora aos que chegam (Figura 5).

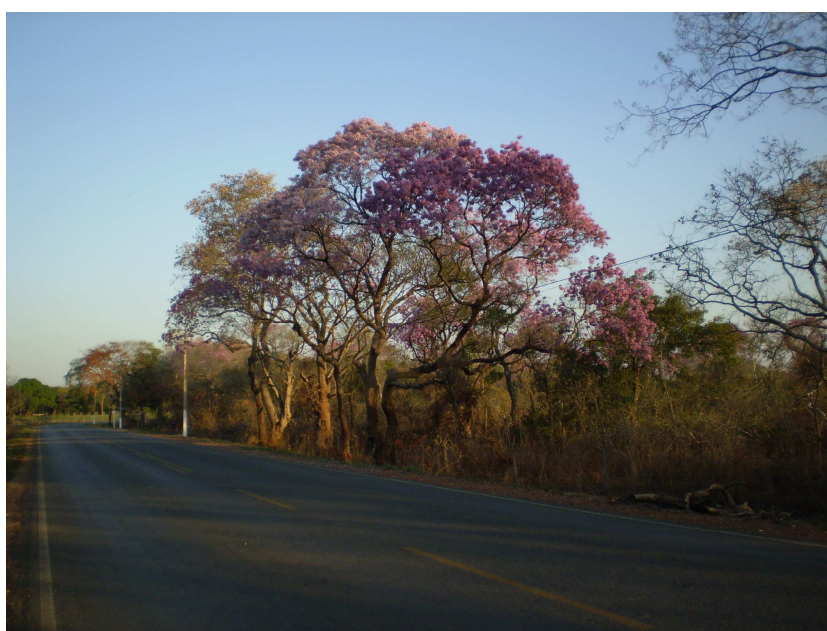


Figura 5 - Saindo de Bonsucesso ao entardecer.

Fonte: Arquivo da pesquisadora, ago. 2007.

As estações do ano permitem a configuração de novas paisagens a cada temporada. É essa complexidade ambiental de cultura e natureza que transformou Bonsucesso num lugar muito apreciado e visitado.



Figura 6- Árvore no início do mês de agosto.
Fonte: Arquivo da pesquisadora, ago. 2007.

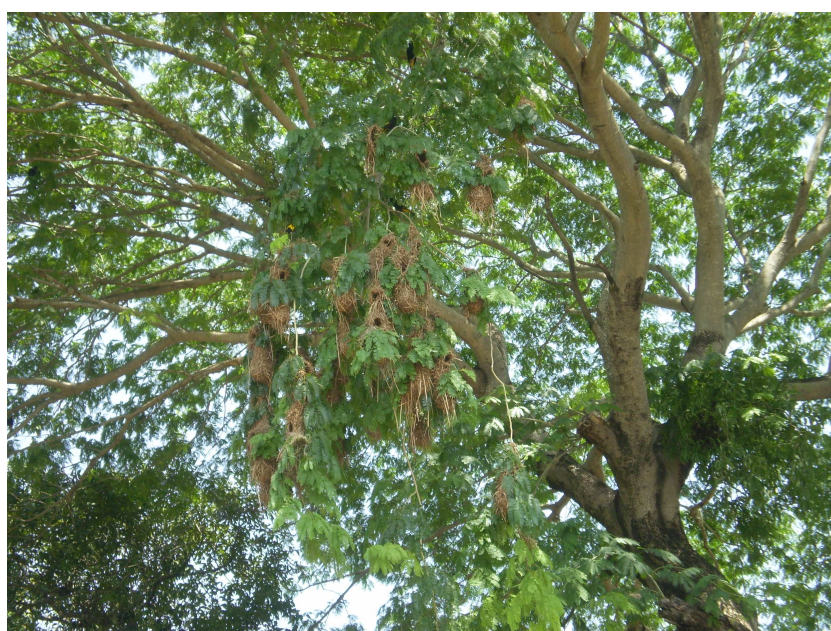


Figura 7- A mesma árvore no final do mês de outubro com “cachos” de ninhos de pássaros.

Fonte: Arquivo da pesquisadora, out. 2007.

O local onde a comunidade em estudo se instalou era uma propriedade particular rural que, com o passar do tempo e com a chegada de pessoas, foi loteada em chácaras. A sua localização induziu a uma ocupação longitudinal ao Rio Cuiabá, onde da rua principal podem-se ver as paisagens ribeirinhas (Ver imagem de satélite da comunidade na Figura 8).



Figura 8- Distribuição espacial da comunidade de Bonsucesso.
Fonte: Google Earth, 2007.

LEGENDA:

1 – Av. de acesso à comunidade de Bonsucesso
2- Residências
3- Residências e peixarias/vendas
4- Residências e artesanatos
5- Igreja
6- Centro comunitário

7- Escola
8- Campo de futebol
9- Áreas alagadiças – Pirizal ou Pantanal
10- Rua principal Gil João da Silva
11- Rua de trás Joaquim José de Magalhães
12- Rio Cuiabá

Com o crescimento urbano, um fenômeno da era industrial, os limites das cidades foram se expandindo, e as influências das comunidades no entorno foram se tornando mais presentes. As comunidades ribeirinhas próximo a esses centros, assim como Bonsucesso, começaram a ser consideradas áreas de lazer de finais de semana e feriados, trazendo consigo muitos impactos ambientais¹. Em Bonsucesso a realidade também confirma essa afirmativa.

Quando se fala nos impactos não se refere somente aos negativos, que geralmente são os mais destacados, como exemplo a poluição do Rio Cuiabá, o desmatamento de suas margens bem como a utilização indevida da pesca, utilizando-se muitas vezes de equipamentos predatórios para realização da atividade. Mas também os positivos, podendo citar como exemplo em Bonsucesso a oportunidade de contato com outras culturas e ao mesmo tempo da oportunidade de estar levando ao conhecimento dos visitantes novos saberes, que ao longo dos anos foram construídos.

Os finais de semana e feriados são agitados na comunidade, devido ao turismo gastronômico. A rua fica mais estreita ainda com veículos estacionados em toda a sua extensão, além de visitantes passeando e apreciando a paisagem local (Figuras 9 e 10).

¹ Considerando impactos ambientais num contexto amplo das relações natureza e sociedade.



Figura 9- Rua principal Gil João da Silva aos domingos.
Fonte: Arquivo da pesquisadora, out. 2007.



Figura 10- Pátio das peixarias nos feriados e domingos.
Fonte: Arquivo da pesquisadora, out. 2007.

Bonsucesso é uma comunidade tradicional que, apesar das modificações ocorridas ao longo dos últimos anos devido à proximidade da vida urbana de Várzea Grande, ainda guarda um potencial cultural e natural extremamente rico. São conhecimentos passados de geração em geração, embora hoje já se possa observar a diminuição dessas práticas nos seus lares (Figura 11).

A confecção de artesanato, principalmente os de tecelagem manual de redes e outros bordados com motivos regionais, quase não é mais praticada na região, apesar de existirem muitas artesãs na comunidade. A falta de incentivo para a continuidade desses saberes está ameaçando a sua permanência, visto que as moradoras mais jovens não estão mais praticando o artesanato.



Figura 11- Artesanatos de tecelagens realizadas pelas moradoras mais antigas de Bonsucesso.

Fonte: Arquivo da pesquisadora, out. 2007.



Figura 12- Confeção de canoas à beira do caminho e do Rio Cuiabá.

Fonte: Arquivo da pesquisadora, out. 2007.



Figura 13- Confeção da rapadura de cana-de-açúcar.

Fonte: Arquivo da pesquisadora, out. 2007.

Bonsucesso também é conhecida pelas suas festas religiosas realizadas anualmente, de forma tradicional e vem sendo praticadas pelas gerações. Podendo citar as festas do Divino Espírito Santo, de São Benedito e a de São Pedro Pescador. Segundo Tavares [S.d.], outras manifestações da religiosidade popular são realizadas no decorrer do ano, pelos moradores e festeiros, sendo estes representados por nomes que lembra ao período imperial brasileiro. São chamados festivamente de: Rei, Rainha, Capitão de mastro e Alferes de Bandeira.

A festa de São Pedro é a festividade mais esperada pela comunidade e faz parte do calendário estadual d eventos do Estado de Mato Grosso. Teve a sua primeira versão a partir da iniciativa de alguns moradores que motivados pela gratidão da fartura de peixe no Rio Cuiabá na ocasião, realizaram um quitute comunitário, segundo Dona Augusta Maria Gomes, conhecida como Dona Guti, uma das moradoras mais antigas da comunidade. Tavares [S.d.], baseando-se nas notícias do jornal diário de Cuiabá de 30 de junho de 2005, afirma que no referido ano, aproximadamente 10 mil pessoas estiveram presentes na Festa de São Pedro, e foram feitos 5 mil quilos de peixe frito para servir à festa. Parte da procissão é realizada em canoas no percurso do Rio Cuiabá, sendo que um pescador é responsável de conduzir a imagem do santo (Figura 14).



Figura 14- Procissão em canoas na Festa de São Pedro em Bonsucesso.
Fonte: Robson Silva, jun. 2005.

Por muitos anos a comida servida na festa era totalmente gratuita, pois o peixe era abundante na região. Atualmente é cobrado um valor simbólico, pois além do grande número de participantes, o peixe que é servido, é comprado e não mais retirado do Rio Cuiabá pelos moradores para a ocasião.

Além das festas religiosas, em Bonsucesso é um dos locais onde acontece o Carnaval Várzea-grandense com apresentação de bandas regionais e demonstração das tradições locais.

Os espaços utilizados para as atividades culturais são geralmente, as casas dos festeiros e o Centro Comunitário da Associação de Moradores de Bonsucesso.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Ninguém começa (ou não deveria) intelectualmente vazio. As idéias teóricas não aparecem inteiramente novas a cada estudo – são adotadas de outros estudos relacionados e refinados durante o processo.

Clifford Geertz, 1978.

Este trabalho se orientou na pesquisa participante, com base fenomenológica, onde as lembranças, o ouvir, o falar, o ver e o sentir são dados importantes a serem conhecidos e compreendidos no processo de reconhecimento humano individual ou coletivo. A Educação Ambiental foi trabalhada tendo como suportes o estudo da paisagem local e a percepção dos moradores no processo de planejamento local.

2.1 A Educação Ambiental

O século XX se tornou um marco de descobertas em todo o mundo e em todas as áreas do conhecimento. O desenvolvimento tecnológico e da informação tem se destacado, assim como o técnico-industrial e outros avanços que a humanidade desencadeou. Esta “evolução” e crescimento foram desenvolvidos tendo como principal motivador o crescimento econômico, objetivando aumentar lucros no sistema de mercado. Como páreo a este crescimento, o consumismo exacerbado foi se tornando uma característica comum, contribuindo também para o desgaste planetário.

Essa “evolução” do modo de viver humano tem deixado terríveis marcas na casa maior de todos, o planeta Terra, mais propriamente a sua natureza, a atmosfera, os rios, as várzeas, a vegetação e os animais. E por que não incluir aí também o ser humano que faz parte desse meio ambiente?

Com as ameaças de mudanças naturais e de prejuízos ao sistema já instaladas, advindas dos impactos ao meio ambiente, surgem as discussões sobre como preservar e conservar esse meio ameaçado. Neste contexto surge a necessidade da Educação Ambiental (EA), que tem aberto caminhos entre as diversas áreas do conhecimento, com a incumbência de promover um diálogo que leve em consideração a complexidade dos sistemas ambientais.

Reuniões internacionais com o objetivo de se estudarem formas de minimizar essa realidade foram acontecendo em níveis nacional e internacional. A partir dos anos 70, aumentaram as preocupações em nível mundial e iniciou-se, a partir de então, uma série de Encontros internacionais, onde alguns tratados e ações em Educação Ambiental estão sendo realizados no intuito de repensar estratégias para reverter o risco ambiental planetário.

O termo Educação Ambiental vem sendo cada dia mais difundido e utilizado em diversas situações e ocasiões. Mas o que é Educação Ambiental (EA)? Primeiramente pegarei o conceito da Lei nº. 9.795 de 27 de abril de 1999 (BRASIL, 2005) que, em seu Art. 1º, dispõe sobre a Educação Ambiental e institui a Política Nacional de Educação Ambiental (PNEA):

[...] processo por meio do qual o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e

competências voltadas para a conservação do meio ambiente, bem de uso comum do povo, essencial à sadia qualidade de vida e sua sustentabilidade.

Após a Conferência de Estocolmo, ampliou-se a definição, incluindo outras esferas do conhecimento. Segundo Sato (2004), o conceito internacionalmente aceito para Educação Ambiental veio na Conferência Intergovernamental de Tbilisi (1977) que diz:

A Educação Ambiental é um processo de reconhecimento de valores e clarificação de conceitos, objetivando o desenvolvimento das habilidades e modificando as atitudes em relação ao meio, para entender e apreciar as inter-relações entre os seres humanos, suas culturas e seus meios biofísicos. A Educação Ambiental também está relacionada com a prática das tomadas de decisões e a ética que conduzem para a melhoria da qualidade de vida.

A partir da Conferência de Estocolmo (1972) e de Tbilisi (1977), tem-se dado ênfase à interdisciplinaridade e complexidade que existem ao se tratar de meio ambiente. É um composto de vários fatores, objetos de estudos de diferentes áreas do conhecimento que se inter-relacionam. Sato (2004) esclarece que o ambiente não pode ser considerado um objeto peculiar a cada disciplina, estudado de forma isolada de outros fatores que interferem diretamente ou indiretamente no seu comportamento. A queda na qualidade de vida no planeta não afeta somente os aspectos físicos ou biológicos, mas juntamente com estes, os fatores sociais, econômicos e políticos.

A Educação Ambiental propõe estreitar o relacionamento dos saberes, sendo então interdisciplinar, tendo em vista que, tratando-se da natureza, não existe como estudar e compreender seus fenômenos a partir de um olhar somente, como se fosse único e isolado, como se fosse

somente um problema físico ou biológico ou de qualquer outra natureza específica. A Educação Ambiental tem aberto caminhos por entre as áreas do saber. Esse inter-relacionamento de disciplinas e o fato de não se pensar isoladamente, mas no contexto da complexidade ambiental, tornam-se imprescindíveis para a compreensão dos fenômenos de forma abrangente e para se tentarem ações que considerem o contexto ambiental em toda a sua complexidade, trazendo mudanças significativas.

Dois grandes eixos norteiam os estudos e ações em Educação Ambiental e se destacam no cenário dos estudos sócioambientais. Loureiro (2006) reforça o que vários outros autores também já ressaltaram, considerando um eixo de caráter conservador ou comportamentalista, caracterizado por uma compreensão naturalista e conservacionista da crise ambiental; educação entendida em sua dimensão individual, baseada em vivências práticas; despolitização do fazer educativo ambiental, apoiando-se em pedagogias comportamentalistas. São pesquisas e ações com o foco na redução do consumo de bens naturais, descolando essa discussão do modo de produção que a define e situa. Algumas outras características também são citadas como o não-entendimento dialético da relação sociedade-natureza, sociedade enquanto realização coletiva e objetivada da natureza humana, ou melhor, enquanto realização e exigência para a sobrevivência da espécie humana. E, por fim, a responsabilização pela degradação posta em um homem genérico, fora da história, descontextualizado social e politicamente.

O outro eixo que também tem encontrado lugar nas ciências sociais que norteiam pesquisas diversas de forma dialógica com outras

ciências é o chamado de transformador, crítico ou emancipatório. A principal característica é a busca da autonomia e liberdades humanas em sociedade, redefinindo o modo como nos relacionamos com a nossa espécie, com as demais espécies e com o planeta. A participação social e o exercício da cidadania são práticas indissociáveis desse eixo de discussões sobre a Educação Ambiental, que traz a preocupação em estimular o debate e o diálogo entre ciências e cultura popular, assim como a busca de ruptura e transformação dos valores e práticas sociais contrários ao bem-estar público, à equidade e à solidariedade.

Para Reigota (1995), o desafio da Educação Ambiental é sair da ingenuidade e do conservadorismo (biológico e político) a que se viu confinada e propor alternativas sociais, considerando a complexidade das relações humanas e ambientais. Brandão (2007) considera ser um outro aprender a olhar, sentir, viver e interagir entre nós, os seres humanos. O autor complementa dizendo que aprender e preservar o meio ambiente seriam resultados de uma vivência num mundo igualitário e de justiça social. Algo que se pode dizer, difícil de entender quando se olha para nossas realidades de disparidades sociais e injustiça. A Educação Ambiental permite crer que ações empreendidas no sentido de sensibilizar para o ser humano crítico e que se envolva nas relações com o mundo se sentindo parte integrante deste mundo e com o outro, seja uma abertura para se acreditar na mudança em que tanto se almeja e se faz necessária.

2.2 A Pesquisa Participante

A Pesquisa Participante (PP) é tida como uma das abordagens científicas mais recentes, firmando-se conceitual e metodologicamente entre as décadas de 60 e 80, segundo Brandão (2005).

Conhecer os problemas locais a partir das pessoas que moram nele e, posteriormente, propor sugestões de melhorias para a comunidade, sugestões estas surgidas a partir de discussões comunitárias, foi o ponto de partida para se escolher trabalhar com base na pesquisa participante.

Participar não somente com respostas a perguntas elaboradas, como parte de um processo já definido para responder a hipóteses previamente formuladas, mas participar do processo de planejamento de uma ação. Pensar juntos, pesquisador e parte pesquisada, de forma dialética e dinâmica, é a principal característica da PP, de forma que o objeto de pesquisa se integra no papel de sujeito, dando sugestões e participando do direcionamento do trabalho. Sobre a atuação das partes envolvidas na PP, Demo (1985, p. 115) afirma que “[...] sujeito e objeto acabam se identificando, sobretudo quando os objetos são sujeitos sociais também, o que permite desfazer a idéia de objeto”.

A interação dialética da teoria com a prática é fundamental e passa a ser o principal caminho a ser percorrido durante a pesquisa. É na troca de saberes e experiências que o processo educativo se destaca. É neste ponto que esta pesquisa de mestrado se identifica e se propõe trabalhar.

Não existe um modelo fixo e único de PP, onde se pode seguir um roteiro pré-estabelecido, podendo então existir várias maneiras de se fazer a investigação, dependendo do fim ao qual se destina. Hall (1981 apud Demo, 1985, p. 121-122) descreveu as principais etapas/características que permeiam esse tipo de pesquisa científica, que são transcritas a seguir:

- a) 'O problema se origina na comunidade ou no próprio local de trabalho';
- b) A finalidade última da pesquisa é a transformação estrutural fundamental e a melhoria de vida dos envolvidos. Os beneficiários são os trabalhadores ou povo atingido;
- c) A PP envolve o povo no local de trabalho ou a comunidade no controle do processo inteiro de pesquisa;
- d) A ênfase da PP está no trabalho com uma larga camada de grupos explorados ou oprimidos: migrantes, trabalhadores, populações indígenas, mulheres;
- e) É central para a PP o papel de reforço à conscientização no povo de suas próprias habilidades e recursos e o apoio à mobilização e à organização;
- f) O termo 'pesquisador' pode referir-se tanto à comunidade ou às pessoas envolvidas no local de trabalho, como àqueles com treinamento especializado;
- g) Embora aqueles com saber/treinamento especializado muitas vezes provenham de fora da situação, são participantes comprometidos e aprendizes num processo que conduz mais à militância do que ao distanciamento (Grifos do autor).

As características citadas permitem uma melhor compreensão da importância da PP na investigação junto às comunidades ou grupo de pessoas, no intuito de trazê-las para discutir e se expressar participando de um processo que lhes interessa e poderá interferir no seu ambiente, num exercício de cidadania.

Algumas fases são presentes na PP, iniciando-se com o reconhecimento da área de estudo e das pessoas envolvidas. A seguir elencam-se as necessidades básicas e a problemática de forma dialética

e, posteriormente, propõem-se medidas educativas e discussões de soluções dos problemas.

Caracteriza-se como um processo contínuo de pesquisa, pois o envolvimento proposto com caráter educativo deve alimentar nas pessoas envolvidas o sentimento crítico e participativo, levando a uma prática constante nos processos locais.

2.3 Emancipação e participação

Consideremos que sensibilizar pessoas ou um grupo para esse ser crítico e politizado não seja uma tarefa fácil de cumprir e fazer valer em pouco espaço de tempo. Planos e ações de uma educação libertadora, seguindo os discursos concisos de Paulo Freire, que propõe o termo de forma ampla e comprometedora, precisam ser levados adiante, onde a educação passe a compor o principal veículo para se iniciar o processo de politização nas pessoas. Muito se tem falado em emancipação. Mas o que seria emancipar? Compreende-se ser um processo contínuo de ações e aprendizados, que desperte para a liberdade e autonomia, num contexto de exploração econômica, dominação política e também de exclusão social.

Loureiro (2007, p.159) lembra que “[...] a emancipação não é um movimento linear e automático de sair de um padrão, para outro, mas dinâmico, pelo que superamos limites identificados ao longo da existência”. E está diretamente ligada à conquista da liberdade e da autonomia.

Quando se fala de liberdade, não seria uma ausência de regras, mas a existências delas, sendo estas construídas pela coletividade, ligadas à responsabilidade para com os demais, no respeito com o outro e com o ambiente natural.

A autonomia é de fundamental importância no processo participativo, significando, em termos gerais, proporcionar meios para que as pessoas tenham condições de fazer escolhas, com consciência e sem constrangimentos. Para o autor citado anteriormente e seguindo as trilhas de Paulo Freire, autonomia é quando os sujeitos individuais ou coletivos não são dependentes de outrem para conhecer e agir. Diferencia-se do modelo paternalista desenvolvido pela nossa civilização. Em se tratando da coletividade, o poder público é responsável por pensar e agir em “prol” dessa coletividade. As questões e ações políticas seriam também questões para serem discutidas nas comunidades.

A prática emancipatória, para Loureiro (2007), define-se pela ação e construção dialógica com o outro e não pelo outro, para o outro ou pelo outro. É dar poder igualitário para o outro falar, posicionar-se. Também é possibilitar um repensar de valores, atitudes e estilo de vida. Requer quebra de paradigmas, poderio e maior valorização do ser humano, como ser social e natural.

A participação nos processos políticos e comunitários é um dos critérios para que haja liberdade e autonomia. Sorrentino (2002) fala de uma participação que ultrapasse a presença física em reuniões e nas instâncias de decisão e se manifeste nas atitudes e comportamentos cotidianos de compromisso com a vida.

A Educação tem sido um meio que se pode utilizar objetivando mudanças nos seres humanos. A valorização e o respeito ao outro e ao

mesmo tempo a liberdade de se expressar são aprendizados que extrapolam a mera presença em salas de aulas para conseguir boas notas no final de ano. Ela também propõe fomentar discussões que vão muito além de informações sobre a situação de impactos negativos existentes no planeta, mas o desenvolvimento do ser humano como um ser pensante e crítico, que se envolva nas discussões políticas e sociais.

Ela (EA) não está vinculada simplesmente à transmissão de conhecimento sobre natureza, mas sim à possibilidade de ampliação de participação política das pessoas, à medida que ela reivindica e prepara os cidadãos para exigir justiça social, cidadania nacional e planetária autorização e ética nas relações sociais e com a natureza [...] a melhor qualidade de vida para todos [...] a Educação Ambiental deve orientar-se para a comunidade e procurar incentivar o indivíduo a participar ativamente [...] atuando nas suas comunidades (REIGOTA 1994, p. 10-58).

Após discutir sobre emancipação, pensar na possibilidade de viver num mundo igualitário e com justiça social parece ser muito sonhador e quase impossível. Mas a EA permite que tenhamos os sonhos, desde que dispostos a sairmos da mesmice do nosso cotidiano, do nosso “sossego”. A organização social, através de associações e grupos organizados, pode ser uma forte ferramenta para se iniciar o processo emancipatório.

Sato (2004) ainda afirma que a EA deve estimular a formação de sociedades socialmente justas e ecologicamente equilibradas, que conservem entre si relação de interdependência e diversidade, trazendo a responsabilidade individual e coletiva em níveis local, nacional e planetário.

É interessante observar que a Educação Ambiental não se prende à conservação da biodiversidade e a outros aspectos da Ecologia, como pode ser notado nos temas descritos anteriormente. A questão social e de valores humanos são alvos que a EA tem como prioritários.

2.4 A fenomenologia e compreensões do mundo vivido

*Falar na fenomenologia é falar de uma perspectiva
Do olhar humano por sobre uma realidade
polissêmica, é de alguma maneira ver
o mundo a partir de um sujeito que o acolhe, luta,
se contrapõe, distingue, ama, recusa.
Passos, 1998*

A fenomenologia permite a apreensão das essências através da experiência vivida, aplicada e adquirida, considerando o mundo integrado ao ser humano e à sua subjetividade.

Ao propor esboçar uma abordagem participativa e fenomenológica, é possível conhecer as ações, as percepções e decodificar as simbologias que dão valor aos lugares, onde as experiências, vivências e a afetividade pela Terra desempenham um papel fundamental na construção e identidade de uma paisagem. Acredita-se que as idéias a respeito do espaço brotam dos seres humanos, não somente com relação aos laços de afetividade que os unem ao lugar, mas também desde os aspectos do dia-a-dia. Por ser uma

referência de valores e sentimentos, o lugar lembra as experiências e aspirações dos seres humanos, sendo assim fundamental para a sua identidade.

Segundo o filósofo francês Merleau-Ponty (1999), a fenomenologia trata de descrever, e não de explicar nem analisar. Descrever ou explicitar os fenômenos sem recorrer à explicação própria das ciências ou à análise que decompõe e divide. Para ele, todo o universo da ciência é construído sobre o mundo vivido, sobre a experiência do mundo. A realidade é o vivido. A realidade não é algo categoricamente construído no e pelo sujeito e não se faz na soma de respostas do sujeito a estímulos orientados a partir dos objetos. "A realidade [...] emerge da intencionalidade da consciência voltada para o fenômeno" (BICUDO, 1994).

O mundo vivido compreendido numa relação direta com as experiências do ser físico e social junto à natureza, na construção de sua cultura e valores. Buttimer (1985) no seu texto ao explanar sobre o mundo vivido e seu significado na geografia diz ser este o "substrato latente da experiência" (p.185)

Viver no mundo implica não somente estar vivo, mas construir individual e coletivamente o mundo de significações, motivações e ocupações em que a vida se estabelece e se mantém na interação constante com o outro, no espaço e no tempo, definindo as relações sociais e os espaços de vivências.

Ao pesquisar uma comunidade como Bonsucesso, pode-se notar a importância que cada lugar construído culturalmente tem na vida das pessoas. São lugares onde a vida e os trabalhos diários acontecem e são os mesmos citados nas histórias de vida, carregados de significações

para cada pessoa. Os sentimentos de alegria e euforia ora também de medo e assombro fazem parte da construção desses espaços e de suas histórias, nas compreensões e construção do mundo vivido.

Para a pesquisa fenomenológica pesquisar um grupo de pessoas nos seus lugares da vida diária, sendo cada indivíduo como componente do seu meio, pode proporcionar dados de grande importância para compreensão da realidade vivida e seus valores.

A fenomenologia constitui-se na atitude de abertura do ser humano para compreender o que é mostrado, sem estar preso a preconceitos ou predefinições. Parte da compreensão do nosso viver, não de definições e conceitos, buscando relação entre o fenômeno e a essência, o todo e as partes.

Utilizo as contribuições de Tuan (1980), que lança mão de um neologismo, a palavra "topofilia", para fazer referência ao elo das pessoas para com o ambiente, a qual pode ser definida, em sentido amplo, como todos os laços afetivos dos seres humanos com o meio material. Tais laços de afetividade que ligam o ser humano ao lugar vivido e experienciado, despertam sentimentos e provocam relatos e referências verbais e/ou escritas de poetas, intelectuais e mesmo de cidadãos comuns.

Esta pesquisa vem justamente encontrar respaldo nas idéias de Tuan (1980), quando menciono o apego das pessoas ao lugar de vivências, às lembranças e às memórias de um passado que ainda se faz presente. É uma experiência que sai totalmente da rotina dos métodos de planejamento, pois é, através desse contato e compreensão da importância de cada lugar de vida, que pretendo abrir as discussões sobre a construção de novos lugares significativos para a comunidade.

Também encontra respaldo na fenomenologia que, contrapondo-se ao que muitos questionaram sobre a ligação com o processo de planejamento, proporcionou compreensões do real vivido e sentido pelos moradores. Conhecer o lugar através de quem mora e vive ali, conhecer o lugar pelos olhos de quem usufrui desse espaço vivido pode ser uma ferramenta de grande valia para os processos de planejamento local.

O mérito da utilização dessas filosofias é o de abranger a totalidade do ser – percepção, pensamento, símbolos e ação –, o que se constata na prática, onde se torna impossível delimitar claramente o que é sujeito e o que é objeto. No método fenomenológico, foram apropriados os conceitos de “mundo vivido” e de “ser no mundo” de Merleau Ponty (1999), compreendendo como mundo vivido o lugar onde segundo Buttimer (1985), a experiência humana é construída no mundo físico e social e no tempo.

2.5 Percepção e paisagem

Várias são as maneiras de se iniciar um processo de Educação Ambiental. A percepção ambiental é uma forma de tentar compreender o que se pensa e sente, através dos sentidos, motivados por agentes externos e físicos e sua subjetividade. Pode ser utilizada tanto para compreender como as pessoas percebem os fenômenos, proporcionando modos de compreender suas atitudes, comportamentos, bem como para trabalhar a sensibilização a partir do que é visto, sentido e percebido pelo indivíduo no contexto social e em suas representações.

Na percepção ambiental, utilizam-se os meios de contato com o mundo exterior que são os sentidos, isto é, visão, audição, tato, olfato, paladar, sendo os sentidos da visão e audição os que mais influenciam na percepção. Tuan (1980) afirma que o ser humano percebe o mundo simultaneamente, através de todos os seus sentidos. Esses sentidos formam as imagens mentais do ambiente vivido, as quais servem de subsídios para a compreensão da realidade percebida pelos indivíduos.

A percepção é uma das maneiras utilizadas pela fenomenologia para compreender os fenômenos estudados. Compreender o que as pessoas pensam, sentem, percebem e interpretam do ambiente passa a ser uma forma de compreender as representações sociais e suas intervenções no meio.

Na primeira fase deste trabalho, foram muito utilizadas as percepções individuais e coletivas para conhecimento da área e dos moradores, suas histórias de vida que sempre estão acompanhadas do sentido histórico que evoca um passado presente e influente na vida comunitária.

Okamoto (2002), discorrendo sobre a origem e influência das ações humanas, argumenta que as ações externas são originadas por fatores intervenientes dos sentidos internos, das motivações e da interpretação dos fatos. A esses sentimentos internos, o autor denomina elementos subjetivos.

A compreensão da realidade a partir das percepções é uma das formas de se estudar o ambiente construído e natural e a relação das pessoas com ele. Na área de estudos urbanos e de assentamentos humanos, isso tem sido de grande valia, conforme o texto abaixo:

A percepção ambiental vem abrindo perspectivas extremamente úteis para a compreensão dos fenômenos urbanos e para a detecção das interações que se processam entre as pessoas e o meio construído. Ou seja, das relações comportamento humano-ambiente urbano (CASTELLO, 2001).

Dessa maneira pode-se dizer que a percepção pode ser uma aliada do planejamento local do espaço vivido e também uma maneira de proporcionar diferentes olhares quando se estende para uma participação comunitária, no estudo da paisagem.

O estudo da paisagem é amplo e permite discussões em várias áreas do conhecimento. O inter-relacionamento dessas áreas, juntamente com o saber local das comunidades, tem cooperado para desmistificar o saber científico como superior aos outros tipos de saberes. Também possibilita o pensamento em conjunto no âmbito da complexidade ambiental que, segundo Jacobi (1999), abre espaço para um processo educativo articulado e comprometido com a sustentabilidade e participação, apoiado numa lógica que privilegia o diálogo e a interdependência de diferentes áreas do saber. Para Leff (2003, p. 9), "[...] é um saber que, além de um equilíbrio de forças externas, está nas interações de sujeitos e culturas, em suas diversas interpretações sobre o mundo e a natureza".

Para Corrêa e Rosendahl (2004, p. 8), "[...] a paisagem é portadora de significados, expressando valores, crenças, mitos e utopias".

Vários são os conceitos utilizados para definir paisagem.

[...] uma forma da Terra na qual o processo de modelagem não é de modo algum imaginado como simplesmente físico. Ela pode ser, portanto, definida como uma área composta por uma associação distinta de formas, ao mesmo tempo físicas e culturais (SAUER 2004, p. 23).

Compreendendo que a paisagem constitui-se no resultado da interação natureza-natureza e natureza- ser humano, a análise da sua percepção constitui um dos mais importantes subsídios para estudos em Educação Ambiental, visto que é no lugar onde vivemos que os valores se expressam, onde a teia da vida se constrói:

[...] atribuímos aos lugares de onde somos e onde vivemos diferentes sentimentos, saberes e significados, de acordo com a maneira como os vivenciamos com os nossos sentidos, a nossa mente e as nossas sensibilidades (BRANDÃO, 2005, p. 16).

Dessa forma, planejar e estudar Educação Ambiental com respaldo nas interpretações da paisagem, num amplo sentido de interação natural e cultural é um caminho para compreensões de valores, representações sociais num contexto espacial.

Guimarães (2005), descrevendo sobre interpretações da paisagem e suas percepções, diz ser a paisagem o suporte de uma identidade individual e coletiva.

A paisagem é suporte de uma identidade individual e coletiva, como também é mediadora das relações Sociedade/Natureza, exprimindo através das tramas simbólicas, constituídas por seus elementos naturais e/ou culturais, as idéias, intenções e concepções respectivas ao modo de vida, à estruturação e estratificação de mundo de uma dada sociedade. (Guimarães, 2005, p. 204)

O viver o ser humano desenvolveu-se totalmente relacionado ao meio natural, sendo que isso traz modificações mútuas dessa interação. Dessa forma as paisagens são construídas, sendo parte de uma história, onde grupos de pessoas se estruturam socialmente e se desenvolvem numa relação contínua e dinâmica. Guimarães (2005) fala de paisagens como ambientes e ambiências espaço-temporais do mundo vivido. Aí então a interação com os estudos em Educação Ambiental, que neste

trabalho se fez estudar como base para compreensão de uma comunidade local.

2.6 As comunidades tradicionais e os ribeirinhos

Para as discussões deste item, primeiramente se faz necessário alguns esclarecimentos do termo cultura.

Para Geertz (1978), o conceito de cultura surge das interações entre indivíduos e destes com a comunidade, formando um sistema simbólico.

O termo cultura tem inúmeras definições reforçando a visão eclética dentro do campo científico. São discussões entre diversas áreas do saber, que não serão objeto de explanação neste trabalho. Para Geertz (1978), essa diversidade de idéias não deve ser desconsiderada quando se trata de um estudo sobre as culturas, até mesmo para que não se corra o risco de reducionismos e se perca nas análises do seu caráter, esquecendo-se dos diferentes indivíduos dentro de cada cultura.

A cultura aqui é vista no desenvolver do ser e seus valores, crenças e hábitos, na vivência e tradições e contextos sociais, construída junto à natureza, com o outro, no mundo, e com o mundo. Brandão (2005) contribui com o texto descrito a seguir, sobre cultura:

[...] vivermos juntos em comunidades em que compartilhos conhecimentos e valores, princípios de vida e visões de mundo, regras de convivência, poemas e preces, cantos e culinárias. E as

teias e tramas em que entretecemos tudo isto para criarmos uma cultura: a nossa maneira de vivermos no nosso Mundo (BRANDÃO, 2005, p. 27).

Várias definições podem ser encontradas sobre o que são realmente comunidades tradicionais. Principalmente o que se entende por *tradicional* tem sido objeto de discussão por vários autores em diversas áreas, principalmente pelas áreas da Antropologia e da Sociologia. O tema referente às comunidades ganhou projeção maior nas discussões, sendo alvo do interesse político e culminando com o Decreto nº. 6040 de 7 de fevereiro de 2007 que instituiu a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais. Esse decreto tem a seguinte definição para comunidades tradicionais:

Povos e Comunidades Tradicionais são grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição (BRASIL, 2007).

Mesmo citando a definição realizada pela Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável, faz-se questão neste trabalho em manifestar-se favorável à utilização do termo e ideologia de uma Educação para Sociedades Sustentáveis, que propõe uma quebra de paradigma onde o desenvolvimento tecnológico e econômico pautado na sustentabilidade não é o suficiente, mas trabalhar com o envolvimento das comunidades no intuito de construir novos conhecimentos e valores em conjunto e na troca dos saberes, pautado numa educação que

prime pela formação de indivíduos e coletividade críticos e conscientes na importância da participação nos processos políticos e sensibilizados ambientalmente.

Comunidades mais isoladas e próximas às áreas ambientalmente sensíveis ainda sofrem pela falta de acesso aos processos de transformação e planejamento que lhe dizem respeito. Um exemplo são as comunidades tradicionais, onde a vida é regida prioritariamente pelos ciclos naturais, quando as pessoas desenvolvem um saber específico e dinâmico, colocando em prática suas habilidades, crenças, mitos, valores e passando para as gerações futuras a cultura apreendida. Essas comunidades em contato permanente com a natureza, dependendo dela diretamente para se fixar no espaço, e desenvolver seus territórios, passaram adquirir e desenvolver conhecimentos peculiares a esta proximidade. Para Guarim (2000), são comunidades que aprenderam a depender dos ciclos biológicos e naturais, seca e cheia, utilizando e conservando os recursos da natureza e, desta forma, tornando-se uma sociedade sustentável, mantendo o estoque de recursos naturais e uma qualidade de vida expressa na saúde, educação, cultura, equilíbrio psicológico e expectativa de vida.

São pessoas que detêm o conhecimento obtido no decorrer de suas vidas, em contato com esses ciclos e dependência dos mesmos e que muito podem contribuir no processo de ensino e aprendizagem que a Educação Ambiental possibilita na troca de saberes.

Algumas dessas comunidades são denominadas de ribeirinhas, quando se desenvolveram nas proximidades de leitos de rios e sempre estiveram ligadas à natureza para o sustento, trabalho e diversão, utilizando-se da pesca, lavouras e outras atividades cotidianas. O termo

comunidades aqui é utilizado segundo Carvalho (2002), como um grupo de pessoas que divide uma realidade comum, partilhando o mesmo território.

As comunidades ribeirinhas desenvolvem habilidades e conhecimentos sobre as águas e seus ciclos, que são muito importantes e determinantes nas suas ações. A observação das fases da lua para plantio e para a atividade pesqueira, considerando também o movimento das águas, a direção dos ventos que são eventos significativos para sua vida e seu trabalho. Reflete um saber adquirido no decorrer das experiências vividas individualmente ou coletivamente.

Compreende-se que os ribeirinhos fazem parte da paisagem e expressam o saber empírico acumulado ao longo dos anos, através da experiência, da vivência e dos ensinamentos que são passados de pais para filhos, substanciados historicamente na paisagem e no seu modo de vida. Sobre as comunidades tradicionais, Diegues (1994 apud SILVEIRA, 2004) considera como sendo característica comum aquelas que vivem com pouca ou nenhuma acumulação de capital, não são assalariados e sim produtores independentes trabalhando na pesca, agricultura, artesanato, utilizando-se dos recursos naturais renováveis, possuindo grande conhecimento sobre esses recursos e seus ciclos biológicos.

A partir dessas colocações, ressalto o fato de que, apesar das comunidades tradicionais possuírem uma relação mais estreita com os fenômenos da natureza, não significa a inexistência de impactos originados dessa aproximação, embora eles aconteçam em menores proporções, se comparados aos ocorridos com a presença industrial e com uma civilização capitalista e consumista.

Embora essas populações tenham um estilo de vida ecologicamente mais equilibrado com a natureza, elas vêm sendo desprezadas como colaboradoras em processos participativos em suas comunidades, sendo que suas sugestões muito poderiam contribuir com as políticas públicas que lhes dizem respeito.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Definir a base teórica para ancorar o trabalho foi uma das buscas mais constantes e ansiosas. O trabalho que se propôs a realizar faz parte de uma das áreas de pesquisas ainda recentes em métodos e metodologias, que é a complexa e abrangente área da Educação Ambiental. Com o apoio de leituras e participação em eventos e palestras, alguns direcionamentos foram surgindo, pautados na Pesquisa Qualitativa.

Posteriormente optou-se por seguir os passos da fenomenologia, que para Merleau-Ponty (1999) é um relato do espaço, do tempo, do mundo vivido, sem querer fazer conclusões ou definições do que se está estudando, mas compreender e descrever a dinâmica da vida, que no contexto deste trabalho é a base para o conhecimento da comunidade e do mundo vivenciado por ela no decorrer de sua história. Dando início então na pesquisa participante. Também foram utilizadas contribuições

de Yi-Fu-Tuan no que diz respeito ao apego das pessoas pelo lugar, utilizando um neologismo para fazer referência ao elo das pessoas para com o ambiente: “[...] a palavra ‘topofilia’ - útil quando pode ser definida em sentido amplo, incluindo todos os laços afetivos dos seres humanos com o meio material. Estes diferem profundamente em intensidade, sutileza e modo de expressão” (TUAN, 1980, p. 106). O ambiente entendido nas múltiplas dimensões, históricas, culturais, políticas, espaciais etc. Também os sentimentos e experiências do lugar podem despertar não somente sentimento de topofilia, mas também denominado de topofobia, se referindo a uma experiência que remeta à aversão ao lugar, ao medo, incertezas em relação ao lugar.

Ao propor esboçar uma abordagem fenomenológica iniciando na compreensão do modo de viver das pessoas de Bonsucesso, teve como pretensão compreender as ações, as percepções, os lugares da vida comunitária onde as experiências e vivências do lugar e a afetividade pela terra desempenham um papel fundamental na construção e identidade de uma nova paisagem.

O trabalho possui teor crítico dialético que, segundo Habermas (1982), trata de aprender o fenômeno em seu trajeto histórico e em suas inter-relações com outros fenômenos. Busca compreender os processos de transformação, suas contradições e potencialidades.

Desde o início pode-se compreender que, para trabalhar junto à comunidade ribeirinha de Bonsucesso, seria necessário conhecer sua história e sua gente, as transformações que vêm ocorrendo com o passar dos anos. Esse trabalho foi realizado com o apoio em bibliografias existentes e principalmente através do contato direto com os moradores e entrevistas semi-estruturadas. Também foi realizado o reconhecimento

da área de estudo, através de documentos cartográficos e visitas *in loco* no início da pesquisa, nos meses de agosto a outubro de 2006. Durante as visitas, para apreender o ambiente e ambiências da comunidade, alguns contatos já começaram a ser feitos de forma livre e sem critérios definidos. Muitas vezes uma conversa com algum pescador do local, sempre com uma caderneta de campo, alguns dados começaram a ser anotados.

Continuando o trabalho, nos meses de abril a agosto de 2007, foram feitas as entrevistas semi-estruturadas com representantes de Bonsucesso e moradores mais antigos, que vivenciaram a história e as transformações do lugar.

Como este trabalho tem por objetivo principal ouvir as pessoas do local, num propósito de iniciar um processo de planejamento espacial participativo, fez-se necessária a realização de reunião comunitária, onde pudessem estar juntos vários moradores, para que cada um tivesse a oportunidade de expor individual ou coletivamente as suas percepções, sugestões e perspectivas em relação à sua comunidade.

3.1 O caminho percorrido

A participação da comunidade no processo de planejamento do espaço em que vive, fez-me lembrar muito o livro: "Aqui é onde eu moro, aqui nós vivemos", de Brandão (2005), principalmente a abordagem que o autor faz sobre o sentimento de pertencimento dos espaços públicos, dos espaços que ultrapassam o muro ou a cerca de minha propriedade. Este trabalho teve o direcionamento, a percepção

dos espaços que são utilizados por todos e não somente relatar a vida de um só morador ou de um grupo de interesse dentro da comunidade.

Nos primeiros contatos com a comunidade, ao iniciar a parte de entrevistas com os moradores, individualmente, vários foram os olhares sobre a pesquisa, no sentido de querer participar de um processo de planejamento espacial pela comunidade. Alguns moradores sentiram-se motivados quando o assunto eram as transformações que ocorreram em Bonsucesso, pois, ao discorrerem sobre o assunto, os sentimentos afloravam com as memórias do passado, e daí era difícil mudar de assunto. O passado de que falavam, na verdade, estava presente na memória e também no seu dia-a-dia e se fundia com fatos atuais durante as histórias e lembranças.

Foram nesses momentos que se conheceu mais de perto a história da comunidade, os sentidos do viver na comunidade, onde os valores e hábitos eram desvendados durante as entrevistas. A percepção dos espaços de vida, das transformações foi compondo a pesquisa de maneira natural, sem interrupções da fala durante os contatos, para não configurar uma entrevista, mas sim uma conversa, e permitir o livre fruir dos sentimentos e saberes dos colaboradores.

Mas quando se passou para a fase de conhecer os problemas locais, no que se refere a impactos ambientais e também sociais, num primeiro momento percebi em alguns o receio de falar, de se exporem, seja por não terem o costume de dizer isto a uma pessoa que não seja da comunidade, seja mesmo por acharem que não adianta ficar falando sobre eles. Segundo um morador, a quem resguardo o direito de anonimato, ao ser inquirido para expor seu ponto de vista, disse-me: “[...] não adianta falar nada, nunca ninguém vem fazer nada pra gente. Eu

não posso colaborar com vocês. Nada do que eu tenho a dizer pode fazer alguma diferença". Outros, apesar de não dizerem claramente isto, reprimiram-se no momento de expor suas idéias.

Algumas dificuldades foram sentidas no sentido de que as pessoas do local têm em discutir sobre alguns assuntos, que até então eram assuntos de "políticos", cuja solução, segundo alguns, seria de responsabilidade do Poder Público. Percebendo então as características de uma sociedade marcada pelo regimento paternalista de governo, onde o poder público pensa pelas pessoas, decide por elas, sem saber as suas reais necessidades. Neste sentido, o incentivo à participação comunitária significa perda de poder de se fazer o que acha certo, ou mesmo aquilo que se tem por interesse próprio. Conhecer os problemas através dos moradores pode significar uma mudança nas estratégias de governo e nos direcionamento de recursos para áreas antes não incluídas na programação oficial. Incentivar as pessoas a discutir os problemas locais e fazer sugestões para esses problemas, no estilo paternalista de fazer política, é procurar problemas. Então é mais fácil fazer algumas obras, mesmo sem consulta prévia à população envolvida, e dar uma festa para a população local, com grande animação na inauguração dos projetos implantados, pois assim a comunidade não se sente esquecida.

Mas com um pouco de incentivo para que colaborassem com um trabalho acadêmico, que não tinha vínculo com esferas governamentais e que poderia vir a ser um instrumento para iniciar um diálogo junto ao poder público, as participações foram se somando uma a uma. De perguntas como: "[...] o que você gostaria de saber?", ou mesmo "[...] que informações você precisa para sua pesquisa?", mudou-se

para: “[...] eu acho que; nós precisamos de; e assim por diante. Daí surgiram as necessidades comuns e os anseios. A participação aconteceu aos poucos e em pequenos grupos.

Para o desenvolvimento da pesquisa, foram reconhecidos 3 momentos importantes na coleta dos dados.

Primeiramente foi necessário reconhecer a área de estudo, ainda sem contato direto com os moradores. Busquei nesta fase documentos e bibliografias que abordassem temas referentes ao local do estudo. Também 3 visitas foram realizadas com o objetivo de conhecer o lugar e iniciar contatos que poderiam me auxiliar no direcionamento da pesquisa.

Foi um momento importante no sentido de abrir o diálogo com a comunidade, através de visitas informais e conversas na beira do rio, junto ao engenho de cana e na confecção de rapaduras ou mesmo em uma das peixarias, deliciando a culinária local. Nesta etapa deu-se início às entrevistas abertas, e os dados da pesquisa começaram a fruir naturalmente através desses contatos. Busquei informação sobre os moradores mais antigos da comunidade. Finalmente foram escolhidos 5 desses moradores para as entrevistas, onde a história de vida foi a maneira comum de expressão utilizada por eles para o relato das modificações e história local.

Através das entrevistas, o trabalho se direcionou no propósito de realizar uma reunião comunitária para abrir a discussão a todos e todas que quisessem participar. Para me auxiliar nesta tarefa, o contato com a Associação de Moradores e também com a Associação de Cultura e Turismo de Bonsucesso foi de extrema valia. Nesta oportunidade foram discutidas as potencialidades de Bonsucesso e também os problemas

enfrentados. Após o reconhecimento desses problemas e ansiedades, também fizeram parte das discussões as sugestões que os moradores gostariam de expressar, mas que nem sempre têm essa oportunidade.

Conforme as necessidades para a realização de coleta dos dados para a pesquisa, categorias de investigação foram adotadas, segundo cada fase de contato com os moradores. As entrevistas seguiram caráter aberto de uma conversa, sem perguntas pré-estabelecidas. Contudo foram identificados três momentos principais da investigação.

Primeiramente para se conhecer a história e as memórias de Bonsucesso, através dos moradores mais antigos, foram realizadas perguntas que abordavam os assuntos referentes a:

- Atividades econômicas e culturais desenvolvidas pelos moradores;
- lugares importantes para a vida comunitária;
- o Rio Cuiabá na vida dos moradores;
- principais modificações que ocorreram na paisagem de Bonsucesso.

Seguindo o curso da investigação, as perguntas foram se direcionando sobre as preocupações com:

- a continuidade dos saberes locais;
- o Rio Cuiabá na vida dos moradores hoje. Impactos nele e na vida dos moradores.
- problemas ambientais, sociais e culturais.

Ao falar dos problemas e dificuldades enfrentados, as discussões se direcionaram para as propostas e sugestões que a comunidade poderia apresentar, tendo como assuntos principais:

- atividade turística: a necessidade de um planejamento para evitar impactos sociais e ambientais;
- as áreas livres e terrenos alagadiços se transformando em lugares abandonados e com lixo;
- continuidade da cultura ribeirinha e tradicional, uma preocupação constante nos moradores.

Para coleta dos dados e da utilização deles no trabalho, bem como das fotografias, buscou-se autorização junto a cada sujeito participante, na possibilidade de posterior utilização e publicação no trabalho, bem como da citação de nomes e fatos históricos da vida familiar. Somente com autorização utilizou-se gravador para as entrevistas e reuniões. O mesmo foi utilizado de forma discreta para ocasionar o mínimo de constrangimentos e não inibir a fala dos moradores. Também se utilizou da caderneta de campo em muitas entrevistas abertas.

Também foi utilizado para conhecimento das histórias de vida de membros da comunidade, documentário em CD realizado a partir dos relatos de moradores mais antigos e organizado pela Associação e Cultura e Turismo e que consta anexado neste trabalho.

4 INTERPRETAÇÕES DO QUE SE VIU E OUVIU EM BONSUCCESSO

Segundo os depoimentos obtidos e também referenciados por alguns autores, pode-se dizer que a comunidade ribeirinha de Bonsucesso vivia basicamente do peixe, destinado principalmente à sua subsistência. O objetivo comercial do pescado era secundário. A pesca era um meio de sobrevivência. Quando o pescado era abundante, costumava-se fazer óleo de peixe para utilização doméstica. “A ambição comercial pelo peixe veio a partir dos anos 70”, segundo o Sr. Joaquim, conhecido na comunidade como Sr. Painha, morador entrevistado, nascido em Bonsucesso na década de 30.

Azevedo (1957) faz observações sobre as transações comerciais da comunidade, esclarecendo que comercializavam antigamente a rapadura e produtos da plantação (roça). As hortas eram plantadas às margens do Rio Cuiabá, e a produção de abóbora, tomate, melancia, cebola e outras verduras diversas era vendida na feira do Mercado do Peixe em Cuiabá.

Atualmente o cultivo de hortaliças nas proximidades do rio não é mais possível. Entre outros fatores, existe muito fluxo de pessoas desconhecidas na comunidade, e muitos acabariam por utilizar as plantações para fazer iscas para pescaria ou mesmo para consumi-las.

A pesca ainda é uma atividade característica dos moradores, que em maioria é constituída de pescadores (Figura 15).

Nas entrevistas não estruturadas, sob a forma de diálogos, podem-se notar as preocupações com o Rio Cuiabá: “A gente colocava

os jacás² à beira do rio, e rapidamente eles estavam cheios de peixe. Tinha que ser carregado por mais de um pescador. Hoje, às vezes, a gente fica uma manhã inteira à espera do peixe, e ele não vem". Dona Gutí, uma das moradoras que produzem doces caseiros há mais de 40 anos, lembra:

Criei meus filhos com peixe. Era a garantia de alimento. Quando chegava a hora do almoço, eu dizia para os meus filhos: espera aí, vou buscar o almoço. E no Rio estava a garantia do sustento. Hoje a gente é obrigado a comer outros tipos de carne, porque o peixe está pouco, nem sempre a gente consegue ir ao Rio e voltar com ele para comer, daí que começamos a comer outros tipos de carne, mas eu sempre prefiro o peixe.

Em contato com um grupo de pescadores, quando questionados se saberiam informar o motivo da diminuição de peixe no rio, não houve consenso e certezas. Uns diziam que a escassez iniciou com a construção da Usina Hidrelétrica de Manso em 2000, outros afirmaram ser a poluição do rio, através de indústrias que se instalaram nas proximidades do rio, contaminando-o; outros simplesmente disseram: "[...] eu não sei te dizer, só sei que o peixe está acabando".

O pescado não é mais suficiente para abastecer todas as peixarias. Muitas vezes, segundo a Sra. Cida, "[...] é necessário comprar peixe em outras comunidades ou mesmo no centro da cidade".

² Cesto de palha feito artesanalmente para conservar o peixe no rio durante a pescaria.



Figura 15- Pescador ribeirinho de Bonsucesso.
Fonte: Arquivo da pesquisadora, ago. 2006.

Hoje o jacá, que era utilizado para preservar o peixe enquanto pescavam, é usado como elemento decorativo nas peixarias e até mesmo como lixeiras (Figura 16). Pode-se observar que juntamente com a diminuição do peixe que é a base da vida dos moradores de Bonsucesso, toda uma herança cultural também está demonstrando significativas transformações.



Figura 16- Jacá, cesto artesanal de palha trançada.
Fonte: Arquivo da pesquisadora, ago. 2006.

Mudanças na paisagem foram acontecendo paulatinamente, por motivos diversos. O rio que antes era uma extensão da casa, ligado através de caminhos por entre a vegetação, hoje foi separado por cercas.

Uma das mudanças mais destacadas foi na arquitetura. Com a enchente que houve em 1974, as casas tradicionais, feitas de pau-a-pique e tijolos crus de adobe, em grande parte com coberturas de palha, foram totalmente destruídas. Após baixar o nível das águas, os moradores reconstruíram suas casas em alvenaria de tijolos queimados industrializados. O telhado passou a ser composto por telhas cerâmicas. Assim o barro e a madeira das paredes foram substituídos pelo tijolo queimado, areia e cimento. Algumas esquadrias de madeira, geralmente de abrir³, passaram a ser de metal e vidro, de correr. Na tentativa de resgatar a memória das casas antigas, no ano 2000 foi construída pelos

³ Termo técnico utilizado na Arquitetura para um tipo de janela que abre, através de uma ou duas folhas fixadas por dobradiças, diferenciando do “tipo correr”, em que as folhas correm em trilhos.

próprios moradores em forma de mutirão, uma réplica das casas destruídas com a enchente, denominada por eles de Casa da Memória (Figura 17).



Figura 17- Casa da Memória construída em 2000 e demolida em 2007.
Fonte: Arquivo da pesquisadora, ago. 2006.

As residências que eram afastadas da rua, mais ligadas ao quintal e ao rio, hoje estão no alinhamento frontal do terreno em quase todo o perímetro da rua. Muitas com um estilo mais arrojado, com traços de uma arquitetura eclética. Muros começam a fazer barreiras entre a rua e a vista do rio (Figura 18). Muitas edificações que se localizam ao longo da rua principal pavimentada, não são mais residências. Passaram a ser peixarias e restaurantes de comidas regionais para atender ao mercado turístico que se desenvolveu na comunidade.



Figura 18- Casas construídas no alinhamento frontal.
Fonte: Arquivo da pesquisadora, jul. 2006.

O turismo foi se desenvolvendo nos últimos anos sem que houvesse um planejamento da atividade. No ano de 2003, houve um programa em parceria entre o SEBRAE e a Prefeitura Municipal de fomento ao turismo. Foram colocadas placas direcionais na área urbana, seguindo o percurso para Bonsucesso, com a indicação Rota do Peixe (Figura 19). Esse programa deu incentivo para melhorias nos estabelecimentos comerciais de peixarias e treinamento na mão-de-obra e também na recepção aos turistas em algumas comunidades rurais de Várzea Grande.



Figura 19- Placa direcional urbana próximo ao aeroporto Marechal Rondon.
Fonte: Arquivo da pesquisadora, jul. 2006.

Hoje essas peixarias e a paisagem local são responsáveis por atrair centenas de visitantes nos finais de semana e feriados, mas também trazem uma preocupação sobre os impactos deixados por essa atividade. São pessoas que vêm de Cuiabá ou do próprio município de Várzea Grande, para um almoço diferente nos finais de semana, ou mesmo grupos de pesquisadores que, em trabalho na região, são levados a conhecer a comunidade e apreciar sua paisagem e culinária. Também pescadores profissionais e armadores ficam sempre à espreita de um pescado para completar o passeio. Na verdade, muitos são os motivos para visitar Bonsucesso.

Transparece na paisagem ribeirinha de Bonsucesso a necessidade urgente de pensar e agir utilizando ações da Educação Ambiental.

Uma paixão dos moradores, desde os mais antigos até os mais jovens, em relação ao lugar e à sua paisagem foi observada durante toda a pesquisa. Muitos dos costumes locais já estão mudados, inclusive a

relação dos moradores com o rio. A sua poluição é uma realidade e decorre de inúmeras causas, sem que haja uma política comprometida com a proteção cultural e ambiental. Inúmeras dragas para captação de areia estão pontuadas no curso do rio e junto à comunidade, degradando o ambiente local.

Em uma das entrevistas, pôde-se ouvir da Sra. Cida, moradora e membro da Associação de Cultura e Turismo de Bonsucesso na ocasião da entrevista, sobre a preocupação com o futuro da comunidade: "Tenho receio que nossa comunidade seja vista como mais um bairro de periferia pelo poder público, sem atenção especial às suas características rurais, culturais e ambientais".

As comunidades ribeirinhas várzea-grandenses se encontram num momento de organização social. Ações empreendidas direcionam-se para a formação de Cooperativas e Associações. Hoje no distrito de Bonsucesso existem 4 grupos organizados: Associação dos Pescadores; Associação de Cultura e Turismo de Bonsucesso; Associação de Bairro; e a Cooperativa Curimbatá . Esta última trabalha em parceria com a Universidade Federal de Mato Grosso e tem como objetivo trabalhar e curtir a pele do peixe, criação de peixes em tanques (cultura emergente), doces cristalizados e artesanais de manga, caju, abacaxi, banana.

Um dos questionamentos que inquietam algumas pessoas do local é o futuro de Bonsucesso em relação à continuidade de conhecimentos e elos de convivência que, ao longo dos anos, foram a razão de ser. São interrogações e preocupações relacionadas à conservação do ambiente local, da sua paisagem, do convívio social e do rio, elemento principal na vida desses ribeirinhos.

Entre os jovens é difícil encontrar alguém que queira ser pescador ou praticar o artesanato, nos moldes tradicionais, trabalhando na comunidade como seus pais e avós fazem. Muitos jovens vivem na comunidade até a idade escolar, freqüentando o ensino básico. Para prosseguir os estudos, são transferidos para a cidade. Nessa fase da vida há um desligamento mais abrupto da vida ribeirinha. Passam de moradores para visitantes de finais de semana. Todos querem continuar em contato com Bonsucesso, pois o ambiente é agradável e faz parte da sua história.

Não é intenção fazer um julgamento dessa atitude, pois é de comum acordo que os jovens estudem e escolham um caminho a percorrer. Mas também há uma preocupação: até quando existirá a comunidade ribeirinha tradicional de Bonsucesso, com seus costumes, sabedorias, preservação do meio natural em que vivem?

Atribui-se grande parte dessas mudanças ao fato da comunidade se localizar muito próximo ao centro urbano, onde a vivência continuada e direta dos moradores traz interferências e ao mesmo tempo impulsiona para uma mudança de hábitos nas pessoas.

4.1 Problemas e ansiedades

A pesquisa proporcionou a oportunidade para que os moradores da comunidade se expressassem sem receios e abertamente. Com respaldo na fenomenologia, cada sentimento, cada olhar e as memórias foram formando o sentido do lugar, do morar numa

comunidade ribeirinha que, apesar de tantas transformações ocorridas em sua paisagem e também na vida social, possui a tranquilidade das paisagens ribeirinhas e mantém o desejo dos moradores de cultivar a cultura local que foi desenvolvida durante toda a vida da comunidade, mas que, na atualidade, vê a continuidade dos saberes ameaçada pela mudança nos seus costumes e na sua cultura.

Mesmo sendo uma comunidade rural, Bonsucesso possui os mesmos problemas que a maioria das cidades brasileiras. A água que na vida do ribeirinho é resguardada pela presença do rio, é um dos principais problemas relacionados pelos moradores. As águas do Rio Cuiabá não podem ser mais utilizadas para consumo, passando simplesmente por um filtro, como antigamente. Grande parte dos moradores não se adaptou à água servida de poço artesiano, perfurado na região para abastecimento da comunidade, devido ao alto índice de minério existente, optando por comprar água mineral para o consumo familiar.

Além do problema com a qualidade da água que abastece as casas, também há preocupação quanto ao destino do lixo. As áreas livres dos terrenos, principalmente as áreas alagadiças, estão virando depósito de lixo, causando impactos ao meio ambiente e à paisagem local (Figuras 20 e 21).

Alguns pescadores ao serem perguntados sobre qual o maior impacto ambiental que ocorrera em Bonsucesso no ponto de vista deles a resposta de maior acordo foi a retirada de parte da mata ciliar para plantio de cana-de-açúcar na década de 70. Tanto a cana-de-açúcar como algumas hortas eram plantadas à beira do Rio Cuiabá. Para isto se retirava a mata à beira do rio, para substituição pelo plantio.

A poluição do Rio Cuiabá por indústrias e esgotos residenciais e outras atividades que descarregam no rio seus dejetos, é um fator preocupante para os moradores, pois a maioria ainda depende da pesca para sobreviver e foi apontado como outro fator de impacto negativo apontado pelos moradores. Os que não dependem da pesca, segundo o líder comunitário, Sr. Adilson, são alguns aposentados e comerciantes.

A produção de lixo durante as festas também foi uma preocupação demonstrada pelos moradores. Ao finalizarem as festas, as ruas ficam com muito lixo e principalmente nas proximidades do Rio Cuiabá. Para este problema, foi sugerida a colocação em lugares estratégicos de cestos para coleta do lixo produzido. Para que realmente sejam utilizados, foi proposto que se realize um espaço para realização de palestras e projeto de Educação Ambiental junto aos visitantes e comunidade, durante todo ano.



Figura 20- Área alagadiça (Pirizal) com lixo.

Fonte: Arquivo da pesquisadora, out. 2007.



Figura 21- Vista da área alagadiça com lixo e, logo à direita, a rua “de trás” Joaquim José de Magalhães.
Fonte: Arquivo da pesquisadora, out. 2007.

Quanto à diminuição do pescado, alguns pescadores mais antigos alegam que o maior impacto foi a construção da Usina Hidrelétrica de Manso no ano de 2000. Com a construção da usina, devido à retenção da água para a realização do projeto, o nível do rio baixou e nunca mais houve enchente na comunidade.

Ao discutirmos sobre a falta de enchente que todos os anos acontecia na comunidade, perguntei se esse fato não era um fator positivo. O Sr. Painha levantou-se da cadeira e disse com entusiasmo:

Minha filha, aqui na comunidade enchente é motivo de alegria, é sinônimo de fartura. O pessoal que mora na parte de baixo só sai das casas quando a água já está entrando mesmo e atrapalhando, daí todo mundo vai para parte de cima [se referindo às casas que se situam na rua ‘de cima’ Joaquim José de Magalhães] e se ajeita lá até as águas baixarem. E depois volta todo mundo para casa, se destruiu alguma coisa a gente constrói de novo com alegria sabendo que a época de fartura vem após a enchente.

Os pescadores explicaram que a época das cheias é justamente o período de reprodução dos peixes. Com a enchente, aumenta a procriação, e os peixes encontram maior aconchego nas novas lagoas formadas nas depressões fora do leito do rio. Quando as águas começam a baixar, parte dos ovos fica nas lagoas existentes, aumentando o número desses animais também nas áreas alagadiças. Segundo eles, depois da enchente, o solo produz mais, o que é confirmado pela fala do Sr. Adilson: “[...] o ribeirão sabe que a enchente é sinônimo de fartura de peixe e terra boa para o plantio”.

A preocupação com a falta de enchentes está deixando os pescadores da comunidade apreensivos quanto à continuidade da atividade da pesca na comunidade. “O peixe diminuiu muito e nós não sabemos o que pode acontecer daqui pra frente, do jeito que vão as coisas, a gente não espera muito não”, disse um dos pescadores presentes numa reunião informal com os moradores que se utilizam da pesca (Figura 22).



Figura 22- Pescadores de Bonsucesso que participaram da reunião.
Fonte: Arquivo da pesquisadora, out. 2007.

Outra preocupação na comunidade está sendo o processo de erosão que está acontecendo numa parte lateral da Rua principal, que fora construída bem próxima ao Rio Cuiabá. (Figura 23). “Tenho medo que uma hora aconteça algum acidente, porque aqui passa carro grande carregado de tijolos e areia e mais ônibus circular. A rua está toda irregular e parece que vai desmoronar, eu acho que é um caso urgente.” Desabafou sr. Painha durante um passeio pelo entorno da comunidade.

Pode-se observar que os problemas locais estão sendo observados e discutidos entre os moradores de Bonsucesso em diversas ocasiões, na maioria das vezes informalmente. São ocasiões em que a prática do pensar crítico e observador se desenvolve, no intuito de discutir e propor soluções para os problemas locais existentes.



Figura 23- Parte da Rua principal com problemas de erosão à esquerda.
Fonte: Arquivo da pesquisadora, fev. 2008.

A discussão desses problemas junto ao poder público, pode ser de extrema valia para o planejamento de ações a serem realizadas no lugar, de forma a atender com eficiência as reais necessidades de uma comunidade.

4.2 Um desejo em comum: A Casa do Artesão e Memórias de Bonsucesso

A partir das discussões sobre a preservação da cultura e incentivo aos mais jovens quanto à importância cultural, foi sugerida a edificação de um espaço aberto para a comunidade e visitantes, o qual também possa abrigar cursos de artesanatos e outros, incentivando, assim, os jovens na prática do artesanato e, conseqüentemente, a permanência deles na comunidade.

A Casa da Memória, construída pelos moradores com o objetivo de preservar a memória do modelo de casa e da técnica utilizados nas construções das casas mais antigas (anteriores a 1974), também não existe mais. Em 2007, com problemas de manutenção foi demolida.

Os moradores concordam entre si que a Casa da Memória deva existir, mas de uma forma mais elaborada, com um acesso facilitado ao visitante e que não seja somente uma casa de memória fora do contexto da vida diária do ribeirinho, parecendo uma casa abandonada, mas que se utilize o espaço também para a realização de cursos de artesanato e amostra dele.

Concordou-se então que o espaço não deva se chamar somente Casa da Memória, mas sim Casa do Artesão e Memórias de Bonsucesso. Os espaços internos deverão ser montados conforme se utilizava antigamente. Por exemplo, retratar uma cozinha com mobiliários rústicos confeccionados e utilizados pelos moradores antigos. Alguns objetos foram citados, tais como o fogão a lenha, feito de barro, a botija também de barro executada artesanalmente, que servia para armazenar a água fresquinha para beber, as lamparinas para iluminar os ambientes. Outros objetos começaram a ser lembrados, com uma explícita saudade nos olhos de cada participante que já havia utilizado esses utensílios. O Sr. Adilson, canoeiro, alegou que nem as canoas confeccionadas atualmente são parecidas com as que ele utilizava quando era mais jovem. Segundo ele, era “[...] canoa de um pau só”, ou seja, de uma única tora de madeira, a canoa era produzida, sem emendas. As canoas de hoje são feitas com partes de pranchas de madeira, e a técnica teve que se adaptar aos materiais existentes. As canoas têm um significado muito importante para os moradores antigos, pois, na época das chuvas,

elas eram o único transporte, seja para um passeio ou mesmo ir até o centro do município de Várzea Grande para levar a rapadura para vender ou mesmo fazer compras para abastecimento da região.

Outras sugestões foram surgindo no decorrer da pesquisa. Além de adaptar os ambientes da futura Casa do Artesão e Memórias de Bonsucesso com utensílios de época, foi sugerida pelos moradores a construção desse ambiente com paredes de pau-a-pique ou mesmo de adobe, que eram as técnicas utilizadas para a construção de suas casas. Na verdade, esse seria o cantinho da memória de Bonsucesso.

Além de necessitarem de um espaço amplo, que possa acolher os visitantes com conforto e segurança, é importante ter também um espaço amplo para as aulas do artesanato local e sua exposição à comunidade. Esse espaço deve ser ao mesmo tempo Casa da memória e do artesanato, com acesso facilitado, sugestão com que todos os colaboradores desta pesquisa concordaram entre si. Utilizando-se das contribuições de Bordest (2004) quando diz sobre Centros de Referências ou mesmo museus interativos, como sendo espaços voltados ao trabalho, pesquisa e troca de saberes. E essa é a idéia que os moradores estão sugerindo para Bonsucesso.

4.3 Sugestões para o entorno

Além da sugestão de um projeto para a Casa do Artesão e Memórias de Bonsucesso, as áreas alagadiças conhecidas pela comunidade como pirizal ou pantanal, também foram motivos de discussão pela comunidade. São áreas com lagoas naturais que hoje

estão sendo impactadas com lixo. O acesso a essas áreas se dá pela Rua Joaquim José de Magalhães, conhecida popularmente como “rua de cima”, a mesma rua que daria acesso à Casa do Artesão. Hoje é uma rua pouco utilizada, quase sem fluxo, enquanto a Rua Gil João da Silva, “a rua de baixo”, já está congestionada, pois ali se concentra 90% da atividade turística gastronômica, além de ser a rota do ônibus circular que faz o transporte entre as comunidades rurais e o centro urbano.

A intenção dos moradores é utilizar a “rua de cima” (Figura 24), já que o acesso a ela é muito facilitado e poderá ser feito um binário com a rua de baixo. O binário consiste em trabalhar as duas ruas que são paralelas, de forma que se complementem, sendo cada qual uma via de mão única, porém opostas. A rua principal seria de chegada a Bonsucesso, com acesso facilitado às peixarias. E a rua de cima seria para o fluxo de saída da comunidade, onde os visitantes pudessem ter a oportunidade de conhecer o outro lado de Bonsucesso, seu artesanato e artefatos em atividade contínua, pois o acesso à Casa do Artesão citada anteriormente seria pela rua de cima. Além da visita à Casa do Artesão, os visitantes também teriam a vista de lagoas naturais no entorno da rua de cima, com jardins ao redor e espaço para um descanso à sombra de uma árvore enquanto apreciam a paisagem local.



Figura 24- Parte da Rua principal com problemas de erosão à esquerda.
Fonte: Arquivo da pesquisadora, fev. 2008.

A figura 25, a seguir, foi elaborada a partir das sugestões dos moradores:

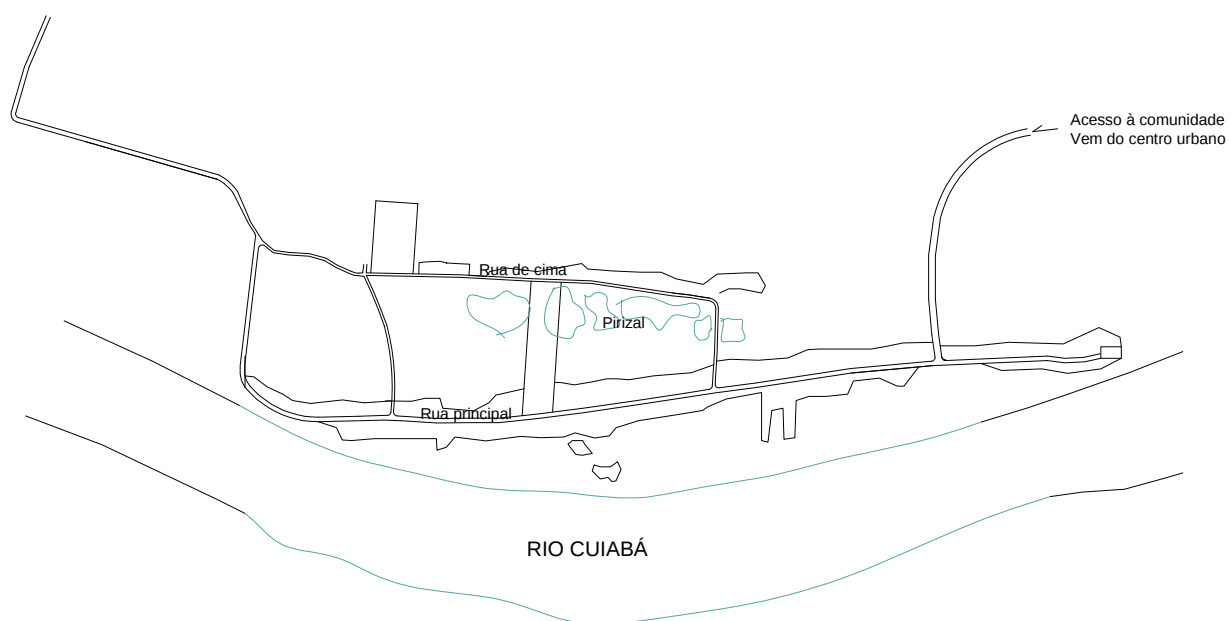


Figura 25- Projeto proposto pela comunidade.
Fonte: Elaborado pela pesquisadora, dez. 2007.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Minha pesquisa se iniciou com objetivos confusos, mas durante o seu andamento, esses objetivos se solidificaram, no intuito de trazer uma junção entre a Educação e a Arquitetura.

Inicialmente o meu conhecimento sobre Bonsucesso era muito superficial, pois o contato era de apenas visitante. Conhecer a comunidade foi um dos objetivos traçados no início da pesquisa, o que durante os dois anos de Mestrado foi sendo alcançado, primeiramente com alguns indivíduos e depois aos poucos com os líderes comunitários e também com a comunidade em geral.

Não posso dizer que foi fácil mostrar-lhes que a minha pretensão não era fazer somente entrevistas ou informações sobre um assunto específico. Como a comunidade de Bonsucesso tem sido visitada por segmentos da área científica para trabalhos diversos, onde a coleta dos dados se realiza em pouco espaço de tempo, sem um retorno à contribuição dada com os seus depoimentos, os moradores inicialmente se sentiram confusos quando lhes fazia perguntas abertas e dizia que eu queria escutar suas histórias, seus problemas e desejos em relação à vida social comunitária.

O planejamento proposto foi logo se estruturando. Ouvir suas percepções sobre o local foi um aprendizado surpreendente. Nunca tinha ido a campo para ouvir as pessoas que seriam diretamente afetadas por um projeto de reordenamento local. Conhecer os problemas enfrentados através dos próprios moradores e ir além dessa fase, ou seja, discutir propostas com eles de forma dialógica, posso considerar como a melhor experiência vivida no aspecto do exercício profissional.

A troca de experiências e saberes é intensa e, melhor ainda, quando é discutida no próprio local de trabalho. Isso traz um fortalecimento nas decisões tomadas e acaba por contagiar de esperança e até mesmo renovar as forças de quem já se encontrava sem acreditar que pudesse contribuir para um mundo melhor.

Pode-se perceber a partir das discussões deste trabalho, novas iniciativas estão sendo programadas nas associações locais em busca de envolver mais a comunidade com as decisões a serem tomadas para a comunidade, bem como buscas às instâncias governamentais de projetos de melhorias e Educação Ambiental.

Neste trabalho de Mestrado, limitado pelo tempo de 2 anos, foi possível abordar apenas a fase de conhecimento da área, das pessoas, dos seus problemas e ansiedades e, posteriormente, uma proposta inicial de planejamento. O processo que se iniciou com o Mestrado em março de 2006, apresenta-se em caráter contínuo junto à comunidade e setores da representação política local.

REFERÊNCIAS

ADAMS, Berenice Gehlen. **Texto comemorativo:** o que é Educação Ambiental? 5 jun. 2005. Disponível em: <<http://www.apoema.com.br/definicoes.htm>>. Acesso em: 29 nov. 2006.

ARRUDA, R. Populações tradicionais e a proteção dos recursos naturais em unidades de conservação. **Revista Ambiente e Sociedade**, Curitiba, ano 2, n. 5, p. 79-92, 1999.

AZEVEDO, A. Cuiabá - estudo de geografia urbana. In: Assembléia Geral 8 da Associação dos Geógrafos do Brasil. 1957, São Paulo. **Anais...** São Paulo:, AGB, 1957. v. VIII, t. II.

BICUDO, M. A. V. A contribuição da fenomenologia à educação. In: BICUDO, M. A. V.; CAPPELETTI, I. F. (Orgs.). **Fenomenologia, uma visão abrangente da educação**. São Paulo: Olho d'água, 1994. p.11-51.

BICUDO, M. A. V.; ESPÓSITO, V. H. C. **Pesquisa qualitativa em educação:** um enfoque fenomenológico. 2. ed. Piracicaba: Unimep, 1997.

BRANDÃO, C. R. A pesquisa participante hoje: alguns princípios da atualidade (256-266). In: FERRARO JÚNIOR L. A. (Org.). **Encontros e caminhos:** formação de educadoras(es) ambientais e coletivos educadoras(es). Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2005.

BRANDÃO, C. R. **Aqui é onde eu moro, aqui nós vivemos:** escritos para conhecer, pensar e praticar o município educador sustentável – 2. ed – Brasília: MMA , Programa Nacional de Educação Ambiental, 2005.

BRANDÃO, C. R. Prefácio. In: FERRARO JÚNIOR, L. A. (Org.). **Encontros e caminhos:** formação de educadoras(es) ambientais e coletivos educadores. Brasília: MMA, Departamento de Educação Ambiental, v. 2, 2007.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil (1988). Cap. II, Art 182 e 183. Estabelece sobre a Política Urbana. [S.d.] Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constitui%C3%A7ao.htm>. Acesso em: 10 set. 2007

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. Lei n. 9.795, de 27 de abril de 1999. Estabelece a Política Nacional de Educação Ambiental (PNEA). **Programa Nacional de Educação Ambiental (ProNEA)**, Brasília, p. 65-70, 2005.

BRASIL. Presidência da República, Casa Civil. **Decreto n. 6040 de 7 de fevereiro de 2007.** Institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais. 2007. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-210/Decreto/D6040.htm>. Acesso em: Data do acesso: 15 out. 2007.

BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em educação:** uma introdução à teoria e aos métodos. Porto, Portugal: Porto, 1994.

BORDEST, S. M. L.; MACEDO, M.; PRIANTE, J. C. R. **Matutando turismo.** Cuiabá: EdUFMT, 1997.

BORDEST, S. M. L. Centro de referência: espaço, pesquisa e diálogo. In: **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso**, n.62, p.185-188. Publicação do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso. Cuiabá Anual: 1919-2004.

BUARQUE, S. C. **Metodologia de planejamento do desenvolvimento local e municipal sustentável**. Brasília: INCRA/IICA, 1999.

BUTTNER, A. Apreendendo o dinamismo do mundo vivido (165-193) In: CHRISTOFOLETTI, A. **Perspectivas da Geografia**. São Paulo: DIFEL, 1985.

CASTELLO, L. Dona Fifinha é pós-moderna (e nem sabia). Arquitectos 015 – texto especial 089. ago. 2001. Disponível em: <www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq000/esp089.asp>. Acesso em: 10 agosto 2007.

CARVALHO, V. S. **Educação ambiental e desenvolvimento comunitário**. Rio de Janeiro: Wak, 2002.

CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Orgs.). **Paisagem, tempo e cultura**. 2. ed. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004.

DEMO, P. Elementos metodológicos da pesquisa participante. In: BRANDÃO, C. R. (Org.). **Repensando a pesquisa participante**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1985. p. 104-130.

FACCIO, M. G. A. Plano Diretor Participativo e a construção do espaço público nas cidades brasileiras a partir do Estatuto da Cidade: possibilidades e limites. **Cadernos de pesquisa interdisciplinar em Ciências Humanas**. Florianópolis, n. 82, jun. 2006.

FREIRE, P. **Educação e mudança**. 15. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

GUARIM, V. L. M. S. **Educação e sustentabilidade ambiental em comunidades ribeirinhas tradicionais**. 2000. 214 f. Tese (Doutorado em Educação) – Instituto de Educação, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2000.

GUIMARAES, S. T. L. **Planejamento e Proteção dos Recursos Paisagísticos: Aspectos relacionados à cognição, percepção e interpretação da paisagem**. OLAM – Ciência E Tecnologia, Rio Claro-SP: ALEPH Engenharia e Consultoria Ambiental, v.5, n.1, p.202-219, maio, 2005.

HABERNAS, J. **Conhecimento e interesse**. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Cidades @ - **Contagem da População 2007**. 2007. Disponível em <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>. Acesso em: 10 nov. 2007.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Enciclopédia dos municípios**. Rio de Janeiro: IBGE, 1958. v. XXXV.

JACOBI, P. **Cidade e meio ambiente**. São Paulo: Annablume, 1999.

LEFF, E. (Coord.). **A Complexidade ambiental**. Prólogo. Tradução Eliete Wolff. São Paulo: Cortez, 2003.

LOUREIRO C. F. B.; LAYRARGUES, P. P.; CASTRO, R. S. (Orgs.). **Educação Ambiental: repensando o espaço da cidadania**. São Paulo: Cortez, 2002.

LOUREIRO, C. F. B. Complexidade e dialética: contribuições à práxis política e emancipatória em Educação Ambiental. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 27, n. 94, p.131-152, jan./abr. 2006. Disponível em: < <http://www.cedes.unicamp.br> >. Acesso em: 20 jul. 2007.

LOUREIRO, C. F. B. Emancipação. In: FERRARO JÚNIOR, L. A. (Org.). **Encontros e caminhos: formação de educadoras(es) ambientais e coletivos educadores**. Brasília: MMA, Departamento de Educação Ambiental, v. 2, 2007. p. 158-169.

MATO GROSSO. Lei Estadual n. 126, de 23 de setembro de 1948. Dispõe sobre a criação do Distrito de Bonsucesso e incorporação ao município de Várzea Grande. Cuiabá, 1948.

MIRANDA, L.; AMORIM, L. **Mato Grosso: Atlas geográfico**. Cuiabá: Entrelinhas, 2000.

MERLAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. Tradução Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999. (Tópicos).

MONTEIRO, U. **Várzea Grande: presente e passado – Confrontos**. Cuiabá: Policromos, 1987.

OKAMOTO, J. **Percepção ambiental e comportamento – Visão holística da percepção ambiental na Arquitetura e na Comunicação**. São Paulo: Ed. Mackenzie, 2002.

PRONSATO, S. A. D. **Arquitetura e paisagem: projeto participativo e criação coletiva**. São Paulo: Annablume; Fapesp; Fupam, 2005.

REIGOTA, M. **Meio ambiente e representação social**. São Paulo: Cortez , 1995. (Questões da nossa época, v. 41).

REIGOTA, M. **O que é Educação Ambiental**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

SATO, M. **Educação Ambiental**. São Carlos: Rima, 2004.

SAUER, C. O. A morfologia da paisagem. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Org.). **Paisagem, tempo e cultura**. 2. ed. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004. p. 12-74.

SAUVÉ, L. Uma cartografia das correntes em Educação Ambiental. In: SATO, M.; CARVALHO, I. (Coord.). **Educação Ambiental – pesquisa e desafios**. Porto Alegre: Artmed, 2005.

SILVEIRA, J. S. **Percepção das mudanças naturais e antrópicas por uma comunidade ribeirinha, no sistema hídrico do rio Cuiabá, Mato Grosso**. 2004. 176 f. Dissertação (Mestrado em Ecologia e Conservação da Biodiversidade) – Instituto de Biociências, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2004.

SORRENTINO, M. Desenvolvimento sustentável e participação: algumas reflexões em voz alta. In: LOUREIRO, C. F.; LAYRARGUES, F. P.; CASTRO, R. S. (Orgs.). **Educação Ambiental: repensando o espaço da cidadania**. São Paulo: Cortez, 2002. p. 15-21.

TAVARES, J.W. **Bonsucesso**: história, tradição e fé. Educar e agir. Várzea Grande [S.d.]Disponível em: <<http://www.educareagir.com/?pg=pgGetPagina&codg=31>>. Acesso em: 20 de janeiro de 2008.

TUAN, Yi-fu. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: Difel, 1980.

ANEXO A - Mapa de Interesse Histórico e Turístico do Município de Várzea Grande.



Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)